



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

VICTOR FONSECA ARAÚJO DOS SANTOS

CRÍTICA CINÉFILA:
A RECEPÇÃO DO FILME *NÓS* NO GRUPO DIAS DE CINEFILIA

SALVADOR
2019

VICTOR FONSECA ARAUJO DOS SANTOS

CRÍTICA CINÉFILA:
A RECEPÇÃO DO FILME *NÓS NO GRUPO “DIAS DE CINEFILIA”*

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Regina Gomes

SALVADOR
2019

AGRADECIMENTOS

Concluir o curso de jornalismo é a realização de um projeto que construí nos últimos quatro anos. No entanto, esse momento não seria possível sem as pessoas que cruzaram o meu caminho nessa jornada e me ajudaram a chegar até esse momento.

Assim, agradeço a meus pais, Valdenize e Renato, e minha avó, Dulce, que se doaram integralmente para que eu pudesse ter uma educação de qualidade e acreditaram em mim quando decidi desistir do curso de Sistemas de Informação e prestar vestibular novamente para Jornalismo na UFBA.

Agradeço também às amigas que fiz na Faculdade de Comunicação da UFBA, Rafaela, Luana, Marina, Ingrid, Catarina e Beatriz, que me incentivaram quando eu pensei em desistir e deixaram a minha passagem pela Facom ainda mais leve e divertida.

Também devo muito às pessoas que conheci durante o período que passei na Produtora Júnior. Foi uma das melhores experiências que tive nesses quatro anos. Muito trabalho, reuniões, prazos e responsabilidades. Entrei na empresa como um estudante que ainda não fazia ideia do que queria fazer na área de comunicação e saí de lá um profissional totalmente diferente. Obrigado a todos os amigos que fiz na PJr, especialmente ao Squad, que nasceu na Produtora, mas que levarei para toda a vida.

Agradeço à minha orientadora Regina Gomes por ter acreditado no meu trabalho e ter me ajudado a chegar até aqui. Obrigado pela paciência e pelas dicas durante todo o processo de produção deste estudo. Tenho certeza de que fui muito bem orientado por você.

Deixo o meu muito obrigado ao pessoal da People2People, sempre muito atenciosos, por me dar folga quando eu precisava adiantar os trabalhos do TCC e me receber tão bem. Agradeço também a Lorena que me ajudou neste trabalho.

E por último, mas não menos importante, quero agradecer aos meus amigos e familiares que estiveram ao meu lado desde o início, me incentivando a perseguir os meus sonhos. Tenho certeza de que este é apenas o início de uma nova jornada.

RESUMO

O presente estudo propõe-se a observar as postagens e comentários, a fim de analisar a recepção dos membros no grupo do *Facebook Dias de Cinefilia* sobre o filme *Nós*, lançado no Brasil em 21 março de 2019 e dirigido pelo diretor norte-americano Jordan Peele. Para isso, a pesquisa mergulha, inicialmente, no universo da crítica cinematográfica e propõe pensá-la a partir das novas tecnologias e o papel da cinefilia nessa construção, a fim de chegar ao conceito de uma crítica cinéfila. Por conseguinte, o trabalho busca explicar as características das comunidades virtuais e dos cibercinéfilos, para mostrar como esses amantes de cinema, presente em ambientes virtuais interpretam e compartilham suas percepções na comunidade.

Palavras-chave: cibercinefilia, cibercinéfilos, recepção, *Nós*, *Dias de Cinefilia*.

ABSTRACT

This study proposes to observe the posts and comments of members in the Facebook group Dias de Cinefilia in order to analyze their reception about the film "Us", launched in Brazil on March 21, 2019; the film was directed by the North American director Jordan Peele. For achieving this goal, the research is initially immersed in the universe of film criticism and proposes to think it from the point of view of new technologies and the role of cinephilia in this construction, in order to arrive at the concept of a film critic. Therefore, the work seeks to explain the characteristics of virtual communities and cybercinephyles, to show how these movie lovers present in virtual environments, interpret and share their perceptions with the community.

Keywords: cibercinephilia, cybercinephyles, reception, Us, Dias de Cinefilia.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Boletim do portal Filme B sobre o arrecadação e desempenho dos filmes no mercado de cinema brasileiro, da semana do dia 02 de maio..... | 20 |
| Figura 2 - Print das estatísticas do <i>Facebook</i> que mostra a interação dos membros ativos no grupo | 28 |
| Figura 3 - Comentários de alguns membros sobre o grupo Dias de Cinefilia..... | 29 |
| Figura 4 - Tabela de links das postagens relacionadas ao filme no grupo Dias de Cinefilia..... | 31 |
| Figura 5 - Fãs comentam sobre a ansiedade de assistir ao próximo filme de Jordan Peele no dia anterior a estreia de <i>Nós</i> | 33 |
| Figura 6 - Print da primeira análise crítica do filme no grupo Dias de Cinefilia..... | 35 |
| Figura 7 - Print de uma postagem com aviso de spoiler no grupo Dias de Cinefilia..... | 36 |
| Figura 8 - Print dos comentários dos membros sobre a crítica social do filme..... | 38 |
| Figura 9 - Print de uma análise sobre o significado de alguns elementos do filme..... | 39 |
| Figura 10 - Captura de tela dos comentários sobre a interpretação de um dos membros do grupo..... | 41 |
| Figura 11 - Print do debate entre interpretações distintas sobre o filme..... | 42 |
| Figura 12 - Captura de tela de uma análise negativa sobre o filme..... | 43 |
| Figura 13 - Discussão entre alguns membros sobre o entendimento do filme..... | 44 |
| Figura 14 - Memes compartilhados nos primeiros dias do lançamento do filme..... | 45 |
| Figura 15 - Print de um meme compartilhado no grupo sobre o filme..... | 46 |
| Figura 16 - Print de uma postagem sobre o trabalho de atuação da atriz Lupita Nyong'o no filme..... | 48 |
| Figura 17 - Print dos comentários dos membros exaltando o trabalho da Lupita Nyong'o.... | 49 |
| Figura 18 - Print da postagem sobre outras atuações em filmes de terror..... | 50 |
| Figura 19 - Print da postagem sobre o recorde estabelecido pelo filme <i>Nós</i> | 51 |
| Figura 20 - Print da postagem sobre a arrecadação do filme no primeiro final de semana.... | 53 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. CRÍTICA CINÉFILA E RECEPÇÃO | 10 |
| 2.1. Breve história da crítica cinematográfica | 10 |
| 2.2 A Crítica cinéfila | 12 |
| 2.3 A nova crítica cinematográfica e as novas tecnologias | 14 |
| 2.4. Crítica e recepção | 17 |
| 3. CIBERCINÉFILOS E ONDE HABITAM..... | 20 |
| 3.1. A figura dos fãs | 20 |
| 3.2. Cinéfilos e cibercinéfilos | 21 |
| 3.3. O cibercinéfilos e as comunidades virtuais..... | 25 |
| 3.4. O grupo Dias de Cinefilia | 26 |
| 4. A RECEPÇÃO DA CRÍTICA CINÉFILA AO FILME <i>NÓS</i> | 29 |
| 4.1. A expectativa para o novo trabalho do diretor | 31 |
| 4.2. <i>Spoiler Alert!</i> | 35 |
| 4.3. A busca pelo sentido | 36 |
| 4.4. Memes..... | 43 |
| 4.5. Atuação | 46 |
| 4.6. Bilheteria..... | 51 |
| 5. NOTAS FINAIS | 54 |
| 6. REFERÊNCIAS..... | 57 |
| 7. APÊNDICE | 59 |
| Apêndice A - Entrevistas realizada através de troca de e-mails, em 08 de abril de 2019, com Leandro Correia, um dos fundadores do grupo Dias de Cinefilia. | 59 |
| Apêndice B - Entrevistas realizada através de troca de e-mails, em 08 de abril de 2019, com Gabriel Barbosa, um dos fundadores do grupo Dias de Cinefilia. | 60 |

1. INTRODUÇÃO

“*Nós* é um filme de terror” – Jordan Peele

Depois de construir sua carreira inteira na comédia, Jordan Peele estreou na direção em 2017 com um filme de terror que conquistou a crítica especializada e o público, levando no ano seguinte o Oscar de Melhor Roteiro Original e uma indicação na categoria de Melhor Filme.

Agora, em 2019, dois anos depois, Peele retorna com um terror visceral que incomoda pela estranheza, mas que traz um subtexto que faz com que os espectadores saiam da sala do cinema com múltiplas interpretações e diversas teorias. *Nós* é um filme que propõe muito mais perguntas do que de fato as responde, e, justamente por isso, dá espaço a múltiplas interpretações de seus pontos-chave.

Protagonizado por Lupita Nyong’o e Winston Duke, o filme acompanha o casal Adelaide (Nyong’o) e Gabe (Duke) que decide levar a família para passar um fim de semana na praia e descansar em uma casa de veraneio. Eles viajam com os filhos e começam a aproveitar o ensolarado local, mas a chegada de um grupo misterioso muda tudo e a família se torna refém de suas próprias cópias.

Jordan Peele usa o terror para fazer uma alegoria dos Estados Unidos. O título original em inglês, “*Us*”, pode ser também interpretado como a sigla de *United States*. Os sócios são os outros, que não passam de reflexos do que somos nós, e tudo o que há de aterrorizante dentro de cada um. Diferente de “*Corra!*”, que propõe forte discussão sobre o racismo na sociedade americana, esse não é o único debate que “*Nós*” quer gerar no público. São diversas interpretações possíveis para a discussão que esse novo filme propõe. Em entrevista ao *Digital Spy*¹, Peele já havia explicado: “Obviamente, meu primeiro filme tinha um protagonista negro e acho que era muito sobre raça, mas penso que é uma declaração tão válida quanto fazer um filme de terror com uma família negra no centro, e ser simplesmente isso”². (tradução nossa)

Essa junção entre o terror e comédia com uma pitada de discussão política virou a assinatura do diretor, que apesar de uma filmografia pequena, já conquistou fãs cinéfilos que esperam ansiosamente o seu próximo lançamento.

Sabemos que a figura do fã existe desde antes da popularização da internet, mas foi com a web que os fãs de quadrinhos, celebridades, música, séries e cinema começaram a se reunir em fóruns de discussões, grupos e comunidades *onlines*. Os cinéfilos, fãs amantes do cinema,

¹ Disponível em: <https://www.digitalspy.com/movies/a26865069/us-movie-jordan-peelee-interview/>

² Do original: “*Obviously, my first film had a black lead and it was very much about race, but I think it’s just as much of a statement to make a horror movie with a black family at the centre of it and to just have that be so*”

acham no ambiente virtual uma forma de reinventar a sua paixão, visto as novas mudanças tecnológicas que o cinema passou nas últimas décadas.

As novas tecnologias vieram para redefinir a cinefilia, que não mais era apenas uma experiência defronte de uma grande tela. Aquele fascínio de experienciar um filme agora extrapola as salas de cinema e invadem a internet, onde qualquer pessoa pode ter acesso a filmografias de diversos diretores com apenas um clique.

Os cibercinéfilos, através da internet, têm a oportunidade de compartilhar suas próprias críticas sobre um filme - algo que antes era exclusivo dos críticos especializados que tinham no veículo impresso único lugar para compartilhar o seu discurso. Agora o cinéfilo espectador pode ser um cinéfilo crítico, que veicula as suas opiniões sobre um filme em seu blog, fóruns ou redes sociais. Assim, se recusa a aceitar o estatuto de receptor e consumidor passivo dos conteúdos e passa a ser também produtor.

É neste contexto que se insere o objetivo desta pesquisa: analisar a recepção desses cibercinéfilos, fãs de cinema presentes em ambientes online, através dos comentários que fazem na internet. O interesse por esta análise se deu no momento em que percebi a grande quantidade de conteúdo produzido por cibercinéfilos em grupos de *Facebook* que participo. Eles compartilham imagens, *spoilers*, notícias, memes, opiniões e avaliações sobre filmes.

Estudar as atividades dos cibercinéfilos na internet se tornou um desejo no 5º semestre do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando tentei correlacionar o trabalho que realizo no meu site sobre cultura pop – Cinesia Geek – com algo que eu poderia pesquisar para o meu trabalho de conclusão de curso. Os conhecimentos que adquiri nestes 4 anos gerenciando o site serviram de inspiração e apoio para a produção da presente monografia.

O tema é relevante para o campo da comunicação por tratar de uma análise da recepção e da espectadorialidade fílmica de um determinado grupo de pessoas, os cibercinéfilos, inseridos em uma comunidade online, levando em consideração os modos de leitura e de interpretação e como essas pessoas se apropriam do texto fílmico. Além disso, foram identificados poucos estudos brasileiros sobre a recepção e a crítica cinéfila. A maioria dos estudos encontrados focava na crítica institucionalizada.

A fim de alcançar os objetivos propostos, foi escolhido o grupo “Dias de Cinefilia” hospedado no *Facebook*. A escolha do grupo se deu não apenas pela quantidade de participantes, que atualmente são mais de 9 mil, mas também pela quantidade de postagens e interação entre os membros. Além disso, o grupo constitui um espaço de discussões em que

todos os membros podem participar e publicar notícias, informações, imagens, vídeos e opiniões, contanto que sigam as regras de convivência da comunidade.

Este trabalho se divide em três capítulos. O primeiro se dedica à revisão bibliográfica em que buscou-se definir o que aqui foi chamada de crítica cinéfila, através de uma breve contextualização da crítica cinematográfica, e sobretudo pensá-la a partir das novas tecnologias, em que os cibercinéfilos exercem papel importante na construção.

Já no segundo capítulo será apresentado o grupo Dias de Cinefilia e seus membros, levando em consideração as características das comunidades virtuais e o perfil dos cibercinéfilos que fazem parte desses grupos, considerando suas práticas e interações online.

No terceiro capítulo serão analisadas as práticas do cibercinéfilos do grupo ao avaliar o novo filme de Jordan Peele *Nós*. Entender o funcionamento do grupo no compartilhamento de conteúdo relacionado ao filme, além de selecionar como os principais aspectos da produção foram destaque nas discussões entre os cibercinéfilos foram pensados durante a análise do grupo. Também serão apresentados alguns dados quantitativos obtidos no período de análise que se deu de 19 a 31 de março de 2019, quando foram observadas as discussões antes e após a estreia nacional do filme, que aconteceu no dia 21 de março do mesmo ano.

2. CRÍTICA CINÉFILA E RECEPÇÃO

A proposta nesta investigação é analisar a recepção do filme *Nós* (2019), do diretor norte-americano Jordan Peele, pelo grupo do *Facebook* Dias de Cinefilia. Porém, antes disto, será apresentada uma breve contextualização da crítica e sobretudo como pensá-la a partir das novas tecnologias e o importante papel da cinefilia nessa construção.

2.1. Breve história da crítica cinematográfica

A crítica cultural contemporânea abrange a análise de diversos produtos artísticos, tais como séries televisivas, música, livros, filmes, shows, *videogames*, dentre outros. Esta pesquisa tem como objetivo focar na crítica cinéfila, mas, antes, é preciso fazer uma breve recapitulação sobre a história da crítica de arte.

Na Antiguidade Grega, as obras de arte já provocavam discussões; eram submetidas a análises críticas e vistas como patrimônio cultural da sociedade. No entanto, é somente entre os séculos XVII e XVIII que surge a figura do crítico de arte, devido à profissionalização dos artistas, disseminação das artes e a formação de um público consumidor:

“O jornalismo cultural, dedicado à avaliação de ideias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começam a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutemberg em 1450) e o Humanismo se propaga da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França.” (PIZA, 2011, p. 12)

O crítico de arte deste período tinha um discurso mais informativo e direto, buscando orientar o apelo ao bom gosto para o seu público, sendo capaz de traduzir e decodificar os segredos das obras. Isto é, ele era visto como “um guia que poderia aferir maior ou menor qualidade à obra de arte, ou mesmo averiguar seu caráter artístico de modo que isto implicitamente revelava a própria função do crítico, isto é, ser um pedagogo da sensibilidade” (GOMES, 2006, p. 1). Ou seja, os críticos não eram apenas formadores de opinião da sua audiência, mas também eram vistos como conhecedores da arte.

No século XX a crítica de arte se torna acadêmica, privilegiando uma abordagem mais analítica, interpretativa e elitista, se distanciando da avaliação, dos juízos sobre as obras e principalmente do leitor comum à margem das universidades. Porém, em resposta a esse distanciamento do público fora da Universidade, surgiu um novo estilo jornalístico de se criticar, com textos voltados para o público em geral, algo já característico da função do jornalismo, que é informar o maior número possível de pessoas.

É através deste espaço conquistado nos veículos impressos que a crítica jornalística ganha destaque na segunda metade do século XX:

A crítica começou a ocupar mais e mais espaço nos grandes jornais diários e revistas de notícias semanais, na chamada “grande imprensa”. Embora não pudesse ter a extensão dos textos de uma revista segmentada e fosse obrigada a evitar excesso de jargões e citações, essa crítica logo ganhou poder, justamente por ser rápida e provocativa (PIZA, 2011, p. 28).

A história da crítica cinematográfica tem início no começo do século XX, quando críticos como Jean Epstein, Louis Delluc, Riccioto Canudo e Siegfried Kracauer escreviam para jornais e revistas voltadas para fãs de cinema. Tais publicações reservavam um seção para as críticas “que buscavam, sobretudo, definir o cinema como arte e como linguagem visto que o próprio ainda começava a dar seus passos iniciais” (GOMES, 2006, p. 1). Inicialmente, os filmes eram vistos como mero entretenimento, desprezados pelos intelectuais que viam o cinema como um espetáculo da cultura de massa em oposição à alta cultura.

Em um momento posterior, o cinema passa a ter o status de sétima arte (depois da arquitetura, pintura, escultura, música, literatura e teatro), pois começa a ser relacionado com objetos culturais de áreas artísticas mais estabelecidas e respeitadas, como a literatura.

Posteriormente, quando o cinema ganha certo respeito no campo das artes, a atividade da crítica de filmes e a própria teoria do cinema se viram vinculadas aos sistemas referenciais interpretativos das disciplinas humanísticas, sobretudo da literatura. Com efeito, em meados do século XX os múltiplos enfoques dados aos estudos literários foram também transferidos para a crítica de cinema e, diga-se, não somente a chamada crítica acadêmica como também a crítica comum de filmes, naturalmente parte deste horizonte histórico. (GOMES, 2006, p. 1.)

Neste momento, a crítica deixa de ser uma mera “nota de rodapé” e passa a ter mais espaço, com textos mais longos e profundos em alguns sentidos. Bordwell (1991, p. 43-48) define a crítica produzida por estas publicações de “crítica explicativa” ou “aquela que se baseia na crença de que o principal objetivo da atividade crítica consiste em reconhecer significados implícitos dos filmes”.

É nesse período, das décadas de 1920 a 1940 que são vistas as seções culturais da grande imprensa crescerem junto com a “indústria cultural”, expressão criada pelos teóricos da escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

É no pós-Guerra que começam a surgir grandes publicações, principalmente na França, na Inglaterra, e nos Estados Unidos, dedicadas a análises críticas mais aprofundadas como a *Cahiers du Cinéma*, *Positif*, *Film Culture* e *Sight and Sound*. Estas publicações deixaram um legado para a crítica de cinema mundial, sendo referências para a análise de obras cinematográficas até hoje.

Entretanto esta abordagem seguida pelas revistas especializadas não era reproduzida nos jornais e revistas populares da época, nos quais se tinha uma abordagem de análise menos

detalhada, além de priorizar a cobertura de filmes para as grandes audiências como explica Gomes:

Entre fins do século XIX e início do século XX estes espetáculos eram considerados como ‘notícias de valor’ e os repórteres tinham a função de cobri-los como qualquer outra notícia. Na verdade, a então chamada crítica era uma mistura de reportagem que descrevia o evento em termos factuais e de resenha que aconselhava o leitor sobre o valor do filme. Segundo Bywater (198, p.5-6), a ênfase era colocada na palavra valor uma vez que os resenhistas/jornalistas deveriam informar se valeria ou não a pena gastar certa quantia de dinheiro pelo visionamento da película, critério, aliás, vigente até os dias de hoje pelos críticos. (2006, p. 2)

Quando os filmes começaram a se popularizar, principalmente com o desenvolvimento de Hollywood e o aparecimento do cinema falado, surge também uma crítica mais rica e analítica nas revistas especializadas, apesar das resenhas continuarem dominando as publicações populares.

Desde então a história da crítica de cinema tem passado por crises, transformações e ajustes culminando na formação de textos híbridos cuja participação do leitor se tornou incontável. O crítico misturou-se ao papel de cinéfilo, ganhou espaço nas redes sociais e influencia comunidades de seguidores.

2.2 A Crítica cinéfila

A crítica não é um corpo exato, bem delineado, principalmente por hoje se encontrar em diferentes meios de comunicação, como jornais, revistas, televisão e, principalmente, na internet. Ela desempenha um importante papel no jornalismo cultural. Mas afinal o que é crítica? Jacques Aumont e Michel Marie definem a crítica como uma análise a fim de esclarecer o funcionamento ou interpretação da obra.

A crítica é o exercício que consiste em examinar uma obra para determinar seu valor em relação a um fim (a verdade, a beleza, etc.). Falou-se da crítica objetiva ou subjetiva, conforme a escala de valores à qual se relaciona a obra julgada seja ou não independente daquele que julga. Pode-se também distinguir uma crítica externa (que relaciona a obra a seu contexto de produção e de recepção) e uma crítica interna (dita, às vezes, imanente, que examina a obra em si mesma). Por extensão, o termo designa também os próprios julgamentos e comentários, além da pessoa que se entrega a crítica. (AUMONT & MARIE, 2006, p. 68-69)

Geralmente, as pessoas ressaltam o sentido negativo da crítica, relacionando ao apontamento de defeitos, julgamentos depreciativos. Porém o crítico tem a função trazer o lado negativo e positivo sobre a obra, servir como uma ligação entre o público e a obra, de forma a instruí-lo e educá-lo sobre a arte cinematográfica.

O crítico de cinema, quando escreve sobre qualquer obra se expõe a diversas opiniões, as quais podem ser apoiadas na concordância, mas também podem ser condenadas na

discordância. Ouve-se muito falar que o crítico não gosta dos filmes que o público gosta, que o crítico não sabe assistir filme, apenas sabe julgar, mas o que acontece é que esses profissionais buscam analisar, de forma crítica, as obras além do mero consumo ligeiro e descompromissado. O nome “crítico” já denota a muitos uma inclinação aos apontamentos negativos.

No sentido etimológico, “o termo crítica tem sua origem no verbo grego *krinein*, que significa ‘separar para distinguir’” (PEREIRA & COSTA, 2004, p. 3). Ou seja, a ideia da crítica é separar a obra em pedaços para avaliar segundo critérios subjetivos estabelecidos pelo crítico. A partir daí, o crítico faz sua própria interpretação com o intuito de orientar o consumo do seu público, extraíndo da obra os pontos positivos e negativos.

Assim, a crítica tem a função de informar o público e, ao mesmo tempo, avaliar o produto cultural. Segundo Piza (2011) uma boa crítica deve ser clara, coerente e ágil, além de analisar a obra de modo sintético, mas sutil; e ter a capacidade de ir além do objeto em análise, trazendo os subtextos por trás da obra.

No Brasil é costuma-se usar o termo “crítica de cinema” em geral para designar qualquer texto que traga algo para além de mera informação, fornecendo indicação de consumo. Mas os próprios críticos e a academia consideram isso uma resenha. Para Coutinho (1975) a resenha é uma “atividade propriamente jornalística que se caracteriza por ser um comentário breve, quase sempre permanecendo à margem da obra ou não saindo do ‘a propósito’”.

A diferenciação entre resenha e crítica se dá por esse aspecto, o aprofundamento. De acordo com Rafael Carvalho (2013) a crítica é uma análise criteriosa e profunda, muitas vezes de caráter acadêmico, geralmente escrita por especialistas em determinados temas. Quando um jornalista passava a exercer essa função de analista, se caracteriza como uma resenha, termo adaptado do review norte-americano. Aliás, as resenhas eram vistas como guia de consumo ou não de um dado produto cultural, enquanto que a crítica teria um caráter aprofundado através de um julgamento estético da obra.

Para esse trabalho, interessa discutir e avaliar o que chamo de crítica cinéfila, ou seja, comentários, geralmente feitos por fãs de cinema (os cibercinéfilos) disponibilizados em redes sociais e ambientes online, que agregam e oferecem suporte para o debate sobre a obra cinematográfica. Esses comentários têm caráter semiamador, já que não são muitos os que têm esta atividade como profissão ou formação e veem o debate crítico como uma forma de prolongar a sua experiência com a obra assistida.

O conhecimento sobre cinema do cibercinéfilo crítico vem da filmografia já assistida, com filmes dos mais variados estilos, diretores, épocas e nacionalidades, além dos textos e

pesquisas feitas na internet, em revistas e publicações especializadas. Quanto maior for o *background* desse cibercinéfila, mais poder de argumentação e conhecimento sobre cinema terá e mais profundo será o seu comentário.

A crítica cinéfila, apesar de poder ter caráter de um comentário breve acerca da obra assim como a resenha, não se enquadra no conceito apresentado acima, já que não é realizada por um jornalista e não se submete às regras editoriais de um jornal ou revista, como limite de caracteres e linha editorial. Essa nova tendência de crítica tem a internet como suporte para o novo espaço discursivo, devido a algumas características e tendências deste novo ambiente.

2.3 A nova crítica cinematográfica e as novas tecnologias

Com a popularização dos computadores e o surgimento da internet, a crítica cinematográfica encontrou uma plataforma alternativa para a sua produção e distribuição. A *web* forneceu uma série de fatores que permitiram os críticos profissionais e amadores, estes, agora, nem sempre ligados a um grande veículo da mídia, a criarem blogs, *websites* e revistas eletrônicas de grande alcance a custo acessível.

A pesquisadora Cynthia Nogueira, em seu artigo intitulado “Cinefilia e crítica cinematográfica na internet: uma nova forma de cineclubismo?” (2006), entende a internet como um “novo espaço de estímulo e expansão da cinefilia e da crítica cinematográfica” (p. 157). Ela enumera algumas vantagens oferecidas pela *web* para a consolidação dessa crítica que saiu do meio impresso e se desenvolveu na internet. Pontos como o baixo custo para a manutenção de sites, a inexistência de restrições editoriais relacionadas ao tamanho e à quantidade de textos, e, por fim, a facilidade que a internet tem de fomentar debates são alguns fatores elencado pela pesquisadora.

Em entrevista ao blog “Cítrica”, Regina Gomes (2013) reitera as vantagens enumeradas por Nogueira:

A ampliação do espaço para o exercício da crítica de cinema é inegável e vejo isso como extremamente salutar. Para quem produz as vantagens são enormes, desde maior espaço para a escrita, rompendo, desse modo, com a limitação dos caracteres imposta pelos meios impressos, até a liberdade de postura editorial já que, em tese, os críticos de internet estão menos sujeitos às agendas do impresso. (GOMES, 2013)

Esses novos paradigmas da crítica cinematográfica provocados pela internet não só permitem que o texto seja compartilhado de forma mais direta, mas também tornam o texto mais acessível e se proliferam de maneira mais rápida. Além disso, graças à internet, o acesso a alguns filmes e produtos audiovisuais ficaram mais fácil de se ter acesso, mesmo com algumas práticas ilegais como o download. É possível achar algumas filmografias inteiras de cineastas

disponíveis em fóruns e sites especializados. É claro que não é todo filme que é possível encontrar disponível na internet.

Com o advento da cibercultura, há uma ampliação imensa do acesso à informação e permite a produção livre e independente de novos produtos e mais informações que agora não dependem mais da mediação de veículos midiáticos massivos.

Rodrigo Carreiro (2009) acredita que essa migração do meio impresso para o ciberespaço resgata o papel original da crítica que é “incentivar um debate estético amplo e horizontal, sem opiniões impostas de cima para baixo” (p. 8). O que antes era domínio dos meios tradicionais, agora está ao alcance de quem quiser e tiver acesso à internet. Com a liberação do polo emissor, o leitor que antes era visto apenas como um consumidor “passivo” desses conteúdos, agora pode produzir seu próprio texto, compartilhar e comentar reportagens e opiniões de qualquer pessoa no mundo através da internet. Assim, recusa-se o estatuto de receptor e consumidor passivo do conteúdo dos *media*, como um gesto de “resistência midiática”.

Rodrigo Carreiro (2009), em seu artigo “História de uma crise: a crítica de cinema na esfera pública virtual”, define essa migração da crítica cinematográfica do meio impresso para o virtual como um momento de transição e também expansão, já que as críticas assumem novas características e tendências nesse novo ambiente.

Um das principais mudanças com a migração é a ideia de autoridade do crítico, enquanto consolidação do status de entendedor e lugar de fala conquistado, tendo em vista a entrada de um novo agente que também assume a postura de avaliador de filme. É com cibercinéfilos, blogueiros ou críticos amadores que os críticos especializados disputam a atenção do público cada vez mais amplo. Ficou mais fácil produzir e distribuir conteúdo na internet; qualquer um, de qualquer lugar do mundo, que tenha acesso à internet é capaz de fazer isso em minutos. Porém, a quantidade de material que é lançado na web diariamente é imenso e o que coloca ao usuário e leitor a necessidade de uma filtragem de conteúdo.

O problema está na multiplicação desses escritos que funde textos de qualidade com textos de baixa qualidade. Mas se a internet é um ambiente democrático por premissa, nada podemos fazer, a não ser selecionar os melhores espaços e textos. (GOMES, 2013).

Não basta apenas escrever e compartilhar sua opinião na internet; ela precisa ser ouvida e chegar até o seu público, porém isso tem sido cada vez mais difícil, já que “falar se tornou

mais fácil, mas ser ouvido está mais difícil do que nunca”³ (FREY, 2015a, p. 138, tradução nossa).

Greg Taylor (2015) insere na discussão em torno da crítica de cinema em ambientação online uma nova percepção que passa pela negação de pretensões e metodologias que diferenciam a apreciação dos sujeitos amadores ou profissionais, visto que as comunidades de fãs e apreciadores de cinema estão cada vez mais engajadas, ativas e participativas.

Assim, a partir dessa visão de Taylor, a ideia de gesto crítica vai além da simples crítica, abrangendo qualquer tipo de espectralidade articulada pelos sujeitos no cenário atual. Assim, segundo o autor:

no mundo pós-vanguarda o simples gesto de curtir algo ou declará-lo especial é suficiente para lhe conferir um senso de significado estético, mesmo que quase ninguém use mais o termo estética ou arte. [...] Esta prática de publicar e republicar, afirmando e reafirmando, acontece atualmente milhões de vezes a cada hora. E cada vez que isso acontece, uma instância crítica ocorre⁴ (TAYLOR, 2015, p. 25- 26, tradução nossa)

O autor guarda as devidas proporções sobre a diferença entre postar uma imagem e escrever um texto crítico e detalhado sobre uma obra. Mas ele alarga a concepção de crítica, dando destaque às redes sociais que têm se popularizado como espaços de sociabilidade em rede.

Nesse ambiente virtual é possível a manifestação de opiniões, gostos e preferências, de criação e compartilhamento de conteúdo diverso, seja texto, vídeo ou imagem, contato que respeite as regras e diretrizes de uso da plataforma em que esse conteúdo será compartilhado. Este usuário tem na internet um espaço participativo e propício para a criação e manifestação de interesses e percepções.

Desta forma, Taylor (2015) afirma que na era pós-vanguardista a crítica não precisa ser mais do que uma afirmação avaliativa, mesmo que tradicionalmente ela seja mais do que isso. Ele ainda propõe que estamos diante da “Era de Ouro da Avaliação” (*Golden Age of Evaluation*), um período “absolutamente obcecado pela avaliação crítica, reavaliação e classificação de todos os tipos de produtos culturais; de filmes a hambúrgueres, de *sitcoms* a super-heróis”⁵ (TAYLOR, 2015, p. 29, tradução nossa).

³ Do original: “*speaking has become easier but being heard is more difficult than ever*”.

⁴ Do original: “*in the postvanguard world the simple gesture of liking something or declaring it special is sufficient to confer on it a sense of aesthetic significance, even if almost no one uses the term aesthetic or art anymore. [...] This practice of posting and reposting, asserting and reaffirming, now happens millions of times every hour. And each time it happens, an instance of criticism takes place*”.

⁵ Do original: “*absolutely obsessed with critical evaluation, reevaluation, and ranking of all manner of cultural products, from movies and burger, to sitcoms to superheroes*”.

Essa ideia de avaliação e quantificação de uma obra cinematográfica está presente em diversos sites sobre cinema e cultura pop. No site Omelete⁶, um dos maiores sites sobre cultura pop do Brasil, as críticas apresentam um sistema de classificação por “ovos”, que vão da escala de um a cinco, indicando a qualidade do filme (ruim, regular, bom, ótimo ou excelente).

Em outros ambientes virtuais como em sites ou redes sociais próprias para cinéfilos como o *Letterboxd* e o *Filmow*⁷ os usuários podem classificar e dar notas para filmes, que vão de 0,5 a 5 pontos ou estrelas, dependendo do sistema de avaliação usado pela plataforma.

Outro exemplo que tem gerado muitas discussões atualmente são os sites como o *Rotten Tomatoes*⁸ ou o *Metacritic*⁹, que funcionam como agregadores de críticas, em que o algoritmo calcula a nota correspondente à média ponderada de várias avaliações que o filme recebe pelos críticos. Ambos os sites também permitem que os internautas deem sua nota, e se quiserem, escrever um comentário sobre o filme.

2.4. Crítica e recepção

O modo como um filme é vivenciado varia conforme quem lhe assiste. A obra cinematográfica é aquilo que fazemos dela, o que sentimos e como interpretamos as imagens, sons e símbolos inseridos na narrativa que assistimos, seja na sala escura do cinema, seja na TV de nossas casas. Nesse caso, o filme passa a ser considerado como produto que se situa sobre o plano das atividades materiais e imaginárias de um grupo social em um determinado contexto e época.

Por que focalizar o texto fílmico e não a audiência cinematográfica? Que diferentes leituras as diferentes audiências podem fazer dos mesmos filmes? Os filmes podem ser entendidos fora do seu contexto de produção industrial? [...] Quais os problemas levantados por uma leitura acadêmica de um filme dos anos 40 na década de 1990? De que diferentes maneiras um texto fílmico pode ser lido em diferentes contextos nacionais ou históricos? Estas e muitas outras questões têm permanecido marginais, quando não ausentes, de grande parte do ensino e pesquisa nos estudos de cinema.¹⁰ (STACEY, 1993, p. 261, tradução nossa).

⁶ Endereço: www.omelete.uol.com.br

⁷ O *Letterboxd* e o *Filmow* são redes sociais com foco na experiência cinéfila. Os usuários podem catalogar os filmes que já assistiu ou quer assistir, dar notas, publicar textos e opiniões. As plataformas ainda permitem seguir outros membros, o que permite uma série de interações entre os usuários. O *Letterboxd* foi criada na Nova Zelândia, enquanto o *Filmow* é uma rede social brasileira. Os endereços dos sites são <http://letterboxd.com> e <https://filmow.com>, respectivamente.

⁸ O *Rotten Tomatoes* (<http://www.rottentomatoes.com/>) apesar de conter informações de ficha técnica, produção, notícias, trailer e fotos do filme, as críticas são o principal atrativo do site.

⁹ Endereço: www.metacritic.com

¹⁰ Do original: “*Why focus upon the film text rather than the cinema audience? How might different audiences read films differently? Can films be understood outside the context of their industrial production, and how might the cinema be connected to other cultural industries? What are the problems of an academic reading of a 1940s film in the 1990s? How might the film text be read differently within different national or historical locations? These and many other such issues have remained marginal, if not absent, from much film studies teaching and research*”

Espectadores inseridos em diferentes contextos e em diferentes épocas terão leituras variadas sobre o filme. Começa-se a entender o público como uma audiência ativa em que as interpretações, uso e prazeres do filme são importantes para compreensão da recepção.

Neste contexto, os espectadores e espectadoras não somente têm o potencial de recepção, mas também a capacidade de atuar ativamente no processo comunicativo, recebendo, circulando e produzindo novos sentidos. Isso é potencializado nesse cenário de interatividade que a internet proporciona. Visto que a crítica cinematográfica, incluindo principalmente a crítica cinéfila, aqui em análise, atua como um lugar de recepção, já que sua função é a de informar, orientar e traduzir o filme para o leitor. E o crítico assume o lugar de receptor da obra.

A necessidade de construção dos significados e sentidos que espectadores elaboram a respeito de filmes a que assistem requer pensar que tais significados estão situados nas relações entre a história que se quis contar em imagens e sons e a maneira como diferentes pessoas elaboram e vivenciam o que viram e ouvirem.

O próprio crítico de cinema é um espectador e isso já o torna uma referência, um testemunho da recepção da sua época. Mas como abordado anteriormente, agora os espectadores cinéfilos também produzem seu texto crítico em que imprimem sua percepção sobre a obra em análise. Esse texto, sejam publicados em fóruns, sites, blogs ou redes sociais, servem como uma forma do/a espectador/a prolongar sua experiência com o filme, seja esta de satisfação ou insatisfação.

Regina Gomes (2007) citando Hans Robert Jauss (1986) compreende que os textos críticos

como integrantes da recepção das obras, uma vez que estes eram reconhecidos como testemunhos históricos dos vários sentidos [...]. Ademais, os críticos são leitores historicamente determinados pelo painel social, político, cultural e ideológico de sua época e, por isso, representantes de um ambiente comunicacional, de um diálogo entre a obra e seu tempo. (GOMES, 2007, p. 192)

A autora não menciona os cibercinéfilos criadores de conteúdo na internet, mas não há dúvida que a crítica cinéfila, postadas na internet, pode ser considerada um registro da recepção de uma obra cinematográfica, visto que vivemos numa época em que a prática de consumo de filmes está intimamente ligada às mídias digitais. No caso desta pesquisa, será analisada a recepção do filme *Nós* (2019), de Jordan Peele, que teve um público de mais 509 mil

espectadores, em seis semanas em cartaz, somente no Brasil, que arrecadou mais de R\$8 milhões nas bilheterias brasileiras, segundo o portal Filme B¹¹.

| | titulo | distr. | renda 25 a 28 | dif. | público 25 a 28 | cinemas | média púb/cine | p.m.i. | sem. | renda acumulada | público acumulado |
|----|-------------------------------|------------|------------------|------|--------------------|---------|-------------------|--------|------|--------------------|----------------------|
| 1 | Vingadores - Ultimato | Disney | 102.335.336 | - | 5.518.554 | 733 | 7.529 | 18,54 | novo | 102.335.336 | 5.518.554 |
| 2 | De pernas pro ar 3 | DTF/ Paris | 2.241.589 | -57% | 122.021 | 481 | 254 | 18,37 | 3 | 19.889.057 | 1.299.494 |
| 3 | Superação - O milagre da fé | Fox | 1.728.952 | -71% | 104.693 | 422 | 248 | 16,51 | 3 | 19.129.895 | 1.330.819 |
| 4 | Shazam! | Warner | 1.036.568 | -84% | 61.341 | 473 | 130 | 16,90 | 4 | 46.327.701 | 2.832.039 |
| 5 | A maldição da Chorona | Warner | 515.672 | -83% | 30.256 | 283 | 107 | 17,04 | 2 | 4.633.312 | 297.475 |
| 6 | Dumbo | Disney | 372.240 | -84% | 21.555 | 132 | 163 | 17,27 | 5 | 28.863.159 | 1.795.769 |
| 7 | O gênio e o louco | Imagem | 215.235 | -59% | 9.652 | 39 | 247 | 22,30 | 2 | 904.494 | 39.842 |
| 8 | Capitã Marvel | Disney | 200.660 | -88% | 11.145 | 52 | 214 | 18,00 | 8 | 146.400.514 | 9.014.547 |
| 9 | O anjo* | Pagu | 92.365 | -32% | 4.783 | 27 | 177 | 19,31 | 2 | 298.350 | 15.890 |
| 10 | Vidas duplas | Califórnia | 70.357 | -32% | 3.759 | 26 | 145 | 18,72 | 2 | 202.713 | 10.981 |
| 11 | Dois rainhas | Universal | 63.129 | -74% | 3.338 | 19 | 176 | 18,91 | 4 | 1.639.902 | 73.435 |
| 12 | Border | Arteplex | 49.053 | -27% | 2.511 | 11 | 228 | 19,54 | 3 | 258.787 | 13.940 |
| 13 | Sobibor | A2 Filmes | 30.961 | - | 1.702 | 17 | 100 | 18,19 | novo | 30.961 | 1.702 |
| 14 | O tradutor | Galeria | 30.033 | -48% | 1.607 | 16 | 100 | 18,69 | 4 | 587.237 | 33.006 |
| 15 | O mau exemplo de Cameron Post | Pandora | 22.972 | -58% | 1.317 | 18 | 73 | 17,44 | 2 | 98.673 | 5.770 |
| 16 | Cópias - De volta à vida | Paris | 22.824 | -95% | 1.327 | 19 | 70 | 17,20 | 2 | 584.127 | 34.496 |
| 17 | Amor até as cinzas | Imovision | 21.814 | - | 1.162 | 10 | 116 | 18,77 | 2 | 82.058 | 4.473 |
| 18 | O parque dos sonhos | Paramount | 21.677 | -84% | 1.963 | 24 | 82 | 11,04 | 7 | 11.878.401 | 775.947 |
| 19 | O último lance | Cineart | 21.238 | - | 1.085 | 6 | 181 | 19,57 | novo | 21.238 | 1.085 |
| 20 | Nós | Universal | 21.186 | -78% | 1.031 | 9 | 115 | 20,55 | 6 | 8.307.403 | 509.528 |

Figura 1 - Boletim do portal Filme B sobre o arrecadação e desempenho dos filmes no mercado de cinema brasileiro, da semana do dia 02 de maio

Ao compartilhar as suas percepções sobre o filme em ambientes virtuais como o grupo do *Facebook* que será analisado, Dias de Cinefilia, o cinéfilo constrói junto com outros membros do grupo um discurso, a partir da troca de percepções com outros espectadores, constituindo assim uma comunidade interpretativa que compartilha o mesmo horizonte de expectativa e a mesma paixão por cinema.

Segundo Stanley Fish (1980), o conceito de comunidade interpretativa serve para explicar a uniformidade de leitura em uma comunidade cujas experiências compartilhadas resultavam em interpretações igualmente compartilhadas. Para Fish, as comunidades interpretativas são grupos de leitores que apresentam estratégias comuns para interpretar o texto. Assim, os membros dessa comunidade estabelecem um acordo para interpretar os conteúdos, não a partir do próprio texto, mas a partir dessas estratégias estabelecidas. Dessa forma, o conceito de comunidade interpretativa se refere às normas características de uma determinada comunidade que influenciam a forma como os membros atribuem sentido.

Organizados em uma espécie de comunidade alternativa dentro do *Facebook*, os membros do grupo Dias de Cinefilia dividem referências, interesses e um senso comum de identidade que faz com que eles tenham a sensação de pertencer a um grande grupo. Além do

¹¹ O Filme B é um portal especializado no mercado de cinema no Brasil. Semanalmente, lança um boletim com os resultados das bilheterias dos fins de semana no Brasil e nos Estados Unidos, além de estatísticas e análises de comportamento da indústria cinematográfica.

mais, os membros dividem estratégias na construção e interpretação dos conteúdos compartilhados no grupo.

3. CIBERCINÉFILOS E ONDE HABITAM

Antes de fazer a análise dos comentários cinéfilos no grupo, se faz necessário uma breve elucidação sobre as características das comunidades virtuais como o Dias de Cinefilia e o perfil dos membros que participam desses ambientes que são construídos a partir do interesse em comum por cinema.

3.1. A figura dos fãs

Previamente, acredito que vale a pena abrir um parêntese para explicar sobre a figura do fã, já que o cibercinéfilo pode ser considerado, em parte, como um fã e dentro do Dias de Cinefilia podemos encontrar membros que são fãs de determinado ator, diretor, estúdio, personagem e assim por diante.

O termo *fan* (em inglês) é a abreviação da palavra *fanatic*, que deriva da palavra latina *fanaticus*, que, por sua vez, tem o significado ligado a uma pessoa que pertence a um templo, um devoto (JENKINS, 1992). Assim percebemos que, desde a origem, o termo está relacionado a uma devoção ou entusiasmo exagerado. Os fãs são aqueles sujeitos que têm um grande afeição ou interesse por um artista, filosofia, uma série de televisão, um personagem, uma história ou uma moda e seguem fiéis acompanhando o objeto de devoção. Curi (2010 p. 22-23) explica que:

Eles geralmente são vistos como consumidores irracionais que compram tudo aquilo que está relacionado com o objeto que admiram e dedicam suas vidas a adquirir conhecimentos considerados sem importância pela maior parte da população, supervalorizando produtos culturais tidos como inferiores, como devotos. (CURI, 2010 p. 22-23)

O autor ainda salienta que a visão em relação ao fã vem mudando agora, visto como um membro de uma cultura alternativa e que exerce influência sobre um determinado conteúdo, principalmente depois da popularização da internet.

Nos ambientes virtuais, vemos a formação de diversas subculturas de fãs, os *fandoms*, caracterizados por Jenkins (2009) como “um sentimento de camaradagem e solidariedade com outros que compartilham os mesmos interesses”. O termo em inglês é formado pela junção das palavras *fan* e *kingdom*. Apesar da tradução literal equivaler a “reino dos fãs”, essas comunidades vão além das barreiras territoriais, visto que o seu principal ambiente de interação é o ciberespaço.

Além disso, a internet trouxe facilidade e velocidade ao acesso de informações sobre o seu alvo de admiração, a possibilidade de compartilhar, criar e editar textos, memes, campanhas, vídeos, entre diversas outras formas de apropriação, consumo e circulação. É uma nova forma de consumir produtos culturais, que se estende para além do produto original.

Em grupos, fóruns e comunidades virtuais, os fãs podem se comunicar com pessoas de diferentes partes do mundo e que tenham interesses semelhantes aos seus. Eles discutem sobre seus artistas favoritos, música, programa, games, séries de TV e filmes, geralmente ligados à cultura pop, além de compartilhar suas opiniões e outros materiais como fotos e vídeos.

Janet Murray (2006) comenta sobre o crescimento da participação dos fãs nos ambientes virtuais:

O culto dos fãs cresceu nas últimas décadas por meio da organização de convenções, das revistas underground e do comércio de vídeos caseiros. A internet acelerou esse crescimento ao oferecer um meio no qual os fãs podem conversar – trocando mensagens escritas – uns com os outros e, muitas vezes, com os produtores, escritores e astros das séries em exibição. (MURRAY, 2003, p. 52)

A cinefilia é um desses casos, já que, após alguns autores decretarem a sua morte, o gosto por cinema encontrou na web uma nova plataforma para se desenvolver e prosperar, fazendo com que o cinema seja um dos assuntos mais comentados na internet.

3.2. Cinéfilos e cibercinéfilos

Resumidamente, a cinefilia é o amor pelo cinema. Esses aficionados viam o cinema como algo além de mero entretenimento e espetáculo audiovisual, e defendiam o dito cinema de arte, numa época em que a produção de *blockbusters* estava em alta, lotando salas de cinema e tomando espaços do cinema de arte.

Os cinéfilos se mostraram como uma espécie de resistência à forma de consumo ditada pela indústria cultural, gostavam de assistir produções que tinha pouca ou nenhuma visibilidade, mas que não deixavam de ter qualidade. Eles queriam consumir os filmes dos seus artistas favoritos, ter acesso a publicações que lhes dessem informações sobre cinema e curiosidades sobre a sétima arte.

Eles buscavam muito além de diversão apenas, uma vez que se interessam por conhecer todo o processo de produção dos filmes, os bastidores, a vida dos atores, a cinematografia do diretor, a estética e linguagem utilizada.

Cinefilia se apresenta como superação da plateia desinteressada, que toma o cinema como uma diversão qualquer, come pipoca, conversa, para fundar a plateia crítica/realizadora/entusiasta: espectadores-amantes que traçam sua própria programação e que se fascinam por todo circuito no qual o cinema está inserido, que

se deixam emotivamente projetar nos personagens, mas que também desenvolvem o distanciamento brechtiano. (ALMEIDA, 2011, p. 140)

No final do século XX, com o advento de novas tecnologias e a facilidade do acesso a filmes, via TV, videocassete e DVD, a forma de produzir, consumir e compartilhar essas obras foram mudando e se adaptando aos novos tempos. Nos anos 90, alguns autores, entre eles Susan Sontag (1996), anunciaram a morte da cinefilia já que o próprio ritual de ir ao cinema era tido como essencial a prática cinéfila. Sontag, no artigo publicado no *The New York Times*¹², evidenciou uma mudança significativa na maneira como os novos espectadores se relacionavam com o cinema e com as práticas de culto e recepção.

Ao final do seu texto, Sontag (1996) decreta: “Se a cinefilia está morta, então os filmes também estão... não importa quantos filmes, mesmo muito bons, continuem sendo feitos. Se o cinema pode ser ressuscitado, será somente através do nascimento de uma nova forma de cine-amor”¹³. (tradução nossa)

O renascimento da cinefilia tem muito que ver com a popularização da internet que alterou os modos como as pessoas fazem, veem e discutem o cinema. Em decorrência desse cenário, surge um novo grupo de cinéfilos, os cibercinéfilos, que Rodrigo Carreiro (2009), define como “amantes de filmes, que gostam de ler ou escrever sobre filmes, e veem na estrutura técnica da Internet oportunidade de contribuir para com o debate crítico”. Esse novo grupo seria nada mais do que uma versão moderna dos antigos cinéfilos:

O cibercinéfilo não difere muito do cinéfilo clássico; ele é uma atualização contemporânea do amante dos filmes que compunha o público leitor das revistas especializadas em cinema, nos anos 1940, quando surgiu, na França, o termo “cinefilia”, usado para identificar o frequentador assíduo de cineclubes que mantinha com os filmes uma relação quase sacralizada de consumo. (CARREIRO, 2009, p 10)

Esse novo cinéfilo não busca mais críticas e informações em jornais, mas em sites e revistas eletrônicas conhecidas, incluindo tanto veículos de vertente profissionais, quanto blogs e sites amadores. A falta de espaço nos cadernos culturais da grande mídia reservados para conteúdos relacionados a cinema, não ocorreria na internet, visto que agora ele mesmo pode expandir suas discussões, através de comentários e críticas independentes.

De acordo com André Lemos (2004), “as comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações

¹² Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/03/12/specials/sontag-cinema.html>. Acesso em 11 de maio de 2019

¹³ Do original: “*If cinephilia is dead, then movies are dead too... no matter how many movies, even very good ones, go on being made. If cinema can be resurrected, it will only be through the birth of a new kind of cine-love*”.

territoriais fixas” (2004, p. 87). No caso da discussão sobre o cinema, a internet potencializa essa partilha de interesses já que, segundo Carreiro (2009) esse seria um dos temas mais discutidos pelos internautas. É possível encontrar conteúdo por toda a *web*. Além disso, é possível participar de fóruns de discussão com pessoas de vários lugares do mundo, integrar grupos que falem sobre cinema em redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e, até mesmo em redes sociais específicas para cinéfilos, como o *Letterboxd* e *Filmow*.

Mahomed Bamba (2005), em seu artigo “A Ciber-cinefilia e outras Práticas Espectatoriais mediadas pela internet”¹⁴, sustenta que

a facilidade de acesso aos filmes e a consequente presença maciça do cinema no nosso cotidiano, o aumento do tempo gasto para ver os filmes em sala, a proliferação de sites, os grupos de discussão e os blogs sobre o cinema na internet, são traços salientes da realidade do espectador contemporâneo e que fazem com que o tema da cinefilia volte a ser mais do que pertinente e de atualidade no debate teórico sobre o cinema e os modos de consumo e recepção dos filmes na contemporaneidade. (BAMBA, 2005; p.2)

Vale refletir que a maneira como o público consome as informações e as críticas cinematográficas mudou. O cinema, hoje, está ao alcance de qualquer pessoa que tenha acesso a internet. É possível achar informação sobre filmes de todo o mundo sem custo, através de sites como o *IMDb*¹⁵, que possui um banco de dados imenso com fichas técnicas, filmografias completas de diretores e atores, curiosidades, além de notícias sobre lançamentos futuros. Com isso, a cinefilia achou no ambiente virtual, um espaço para se proliferar, não necessitando mais de um espaço físico, como os cineclubes, para se fomentar discussões sobre cinema.

Além disso, o download de filmes, apesar de ilegal, também pode ser visto como um mecanismo que dá oportunidade à audiência ter acesso gratuito às obras, além de poder assistir onde quiser e quantas vezes quiser.

A sala de cinema e a experiência de assistir a um filme na telona eram tidos como um lugar e ritual sagrado para a cinefilia. No entanto, apesar dessa admiração ainda resistir, a sala de casa agora também ocupa esse posto, sem a relação sentimental que havia antes, indo para lado mais íntimo e cômodo. Segundo Rafael Carvalho (2016, p. 68) o “consumo cinéfilos passou a ter um carácter mais domiciliar e, conseqüentemente, mais individualizado”.

Os cibercinéfilos encontraram na cibercultura diversos modos para se apropriar de práticas e criar novas formas de expressão voltadas para a sétima arte. Eles passam também a

¹⁴ Disponível aqui: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0629-1.pdf>

¹⁵ *IMDb*, também conhecida como *Internet Movie Database* é uma base de dados *online* de informação sobre música, cinema, filmes, programas e comerciais de televisão e jogos de computador, hoje pertencente à Amazon.

ter status de produtores de conteúdo, e esse conteúdo pode ser um texto crítico ou comentário postado em blogs, site ou redes sociais. Recusa, portanto, o status de um simples consumidor de informações para ser o produtor de novas informações.

Nesse ponto, abre-se uma perspectiva totalmente nova no que diz respeito a crítica. Com a possibilidade da liberação do polo emissor da palavra trazida pela internet, qualquer um que deseje, com o auxílio de um computador e conexão à internet, pode compartilhar suas impressões sobre um filme, contanto que respeite as regras de uso da plataforma em que esse conteúdo será compartilhado. Assim os críticos de cinema especializados perdem a função de *gatekeeper*¹⁶. Qualquer cinéfilo pode ser crítico, compartilhando opiniões, ingressando em comunidades virtuais sobre o assunto e participando ativamente do debate.

Voltando a Mahomed Bamba (2005), ele defende que

Uma das principais particularidades da cibercinefilia destes últimos anos é a rápida mutação da paixão pelos filmes numa espécie de cybercineclubismo: há uma tendência natural no comportamento dos usuários da Internet de passar de simples colecionadores de dados (blogs, fotologs) a membros de grupos de discussão nos sites de filme. Ao integrar as comunidades de outros cinéfilos, o espectador cinematográfico realiza discursivamente a sua cinefilia no ciberespaço; ele troca e confronta as suas impressões com as de outros. (2005; p.7)

Muitas vezes, esses comentários feitos nessas comunidades virtuais precedem o próprio lançamento do filme. Os conteúdos abordados pelos cinéfilos variam tanto sobre os filmes como outros materiais relacionados, como pôsteres, imagens, trailer, making of, bem como sobre a expectativa provocada.

Os comentários se misturam com outros de cibercinéfilos que já assistiram ao filme, formando-se um discurso em que se tem um cruzamento de apreciações. O que normalmente é questionado por esse grupo de apreciadores de cinema são as expectativas geradas pelo filme e a frustração ou não que decorre dele depois. Às vezes esse comentários não são críticas institucionalizadas, mas não se deve ignorar como uma nova narrativa construída a partir das percepções sobre filme.

A própria crítica cinematográfica está passando por um momento de transição. Rodrigo Carreiro (2009), identifica que é possível encontrar duas tendências de crítica: a primeira é a crítica semiamadora, formada principalmente por cibercinéfilos que gostam de ler e escrever sobre cinema e encontram na internet a oportunidade de participarem no debate crítico. A segunda tendência trata de um novo modelo de crítica profissional, onde críticos encontram na

¹⁶ Gatekeeper é um conceito do jornalismo, para aquele que define o que será noticiado de acordo como valor-notícias e critérios editoriais.

web condições ideais para exercer o debate sobre os filmes sem os limites jornalísticos de tempo, espaço e orientação editorial.

3.3. O cibercinéfilos e as comunidades virtuais

Como foi dito anteriormente, o cinema é um dos assuntos mais comentados na internet. Este meio, permite pela primeira vez a comunicação de muitos com muitos, em que todos os seus participantes são emissores e receptores ao mesmo. Esse ambiente se caracteriza pela potencialização das formas de publicação, organização e troca de informação, compartilhamento, além da interação entre os usuários. As redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, são exemplos de ambientes em que essas características mais predominam.

Segundo Raquel Recuero (2009), os sites de redes sociais são espaços em que a interação humana em geral, se mostra presente no ambiente virtual. Para a autora, esses espaços se configuram a partir de dois elementos: a apropriação, no que se refere ao uso das ferramentas de interação pelo público, e a segunda é a estrutura, que auxilia nas trocas conversacionais que acontece entre os usuários.

Grupos e comunidades são formados nas redes sociais a partir da possibilidade de interação e compartilhamento de informações e conteúdo de um interesse em comum. As comunidades virtuais estão presentes em diversos espaços online como fóruns e redes sociais como *Facebook*. Essas comunidades têm em comum a reunião de pessoas que possuem o mesmo interesse nos assuntos tratados neste espaço. Segundo Carlos Castilho, as comunidades virtuais seriam os nós das redes que se interconectam através da internet:

Uma comunidade virtual é formada por indivíduos com algum interesse, vivência ou problema em comum, que se comunicam de forma basicamente não presencial, usando algum tipo de ferramenta midiática para alcançar uma meta coletiva. (CASTILHO, 2009, p. 19)

É comum encontrar comunidades de fãs pela internet. Podem ser redes sociais ou ambientes criados especialmente para essa relação interativa, como os fóruns, ou até mesmo uma rede social criada para um determinado tipo de fã – *Letterboxd* e *Filmow* foram pensados como um espaço para aumentar a experiência cinéfila, e a partir deles, fãs podem trocar comentários sobre seus filmes favoritos ou produções que acabaram de assistir. Esses são espaços participativos, em que a comunicação ocorre de forma horizontal e plural e todos têm voz e podem participar alimentando a comunidade, seja com informações e conteúdos sobre o assunto discutido no grupo, respeitando as limitações impostas pela plataforma.

Em um grupo do *Facebook*, por exemplo, existe a figura dos administradores, que normalmente são as pessoas que criaram ou iniciaram a comunidade. São eles que estipulam as regras de participação e convivência, além de decidirem também quem pode entrar, caso a configuração de privacidade do grupo esteja fechado e só permita a entrada a partir da solicitação ao moderador. Já a publicação de conteúdo pode ser feita por qualquer membro que faça parte do grupo e que respeite as regras do grupo previamente expostas, caso contrário, o membro pode ser banido.

Essas comunidades são compostas pelos mais variados tipos de pessoas, que podem criar laços de amizade com pessoas que vivem a milhares de quilômetros de distância. Esses ambientes servem como uma espécie de local de encontro online para debater, trocar ideias e conhecer pessoas novas como os mesmos gostos e interesses, mas as vezes, são organizados encontros presenciais, fora do meio online.

3.4. O grupo Dias de Cinefilia

O *Facebook* enquanto rede social foi criado em 2004 por Mark Zuckerberg e outros alunos de Harvard com objetivo de conectar estudantes desta universidade. A ideia deu tão certo que, posteriormente, se estendeu a outras universidades de Boston, dos EUA, Europa e finalmente se espalhou para o mundo inteiro. Atualmente é uma das principais redes sociais do mundo com cerca de 2,3 bilhões de usuários entrando na plataforma todo mês, sendo 1,5 bilhão todos os dias.

O diferencial do *Facebook* foi a possibilidade de postar comentários facilmente vistos pelo seu círculo de amigos, além de poder compartilhar informações sobre qualquer assunto, seja um link de uma notícia lida em algum site ou um vídeo visualizado no *YouTube*.

Uma das possibilidades que a plataforma oferece é a criação de grupos capazes de reunir tantas pessoas, às vezes desconhecidas, em torno de uma causa comum, seja ela sobre um artista ou assunto comum.

O grupo *Dias de Cinefilia*, ou DDC, como é comumente chamado pelos membros, foi criado em janeiro de 2016, pelos atuais administradores Leandro Correia, de 26 anos, e Gabriel Alessandro Barbosa Santos, de 23 anos.

Inicialmente, pensado como um suporte para a *fanpage* do *Facebook* e para o site do DDC, o grupo hoje repercute mais que a página de origem e o site não existe mais. Arrisco afirmar que isso se deva ao fato de o grupo ser um ambiente mais democrático em que qualquer membro pode fazer e compartilhar postagens, contanto que respeite as regras da comunidade, além de poder conhecer pessoas novas com interesse pessoais parecidos e fazer novas amizades.

Entretanto, no dia 19 de março de 2019, o grupo original foi apagado pelo *Facebook* e um novo grupo criado no mesmo dia. Este integrava o corpus de análise dessa pesquisa, mas por conta do bloqueio, optamos por substituí-lo pelo novo grupo.

A escolha do grupo se deu não apenas pela quantidade de participantes, mas também pela quantidade de postagens e interação entre os membros. Com pouco menos de um mês, no dia 10 de abril, o novo grupo do *Dias de Cinefilia* já tinha mais de 9 mil membros, sendo que deste, mais de 7 mil interagem diariamente com esse grupo de alguma forma, seja comentando, curtindo ou publicando algum conteúdo. São feitas cerca de 300 a 500 publicações diariamente, com 10 mil comentários diários.

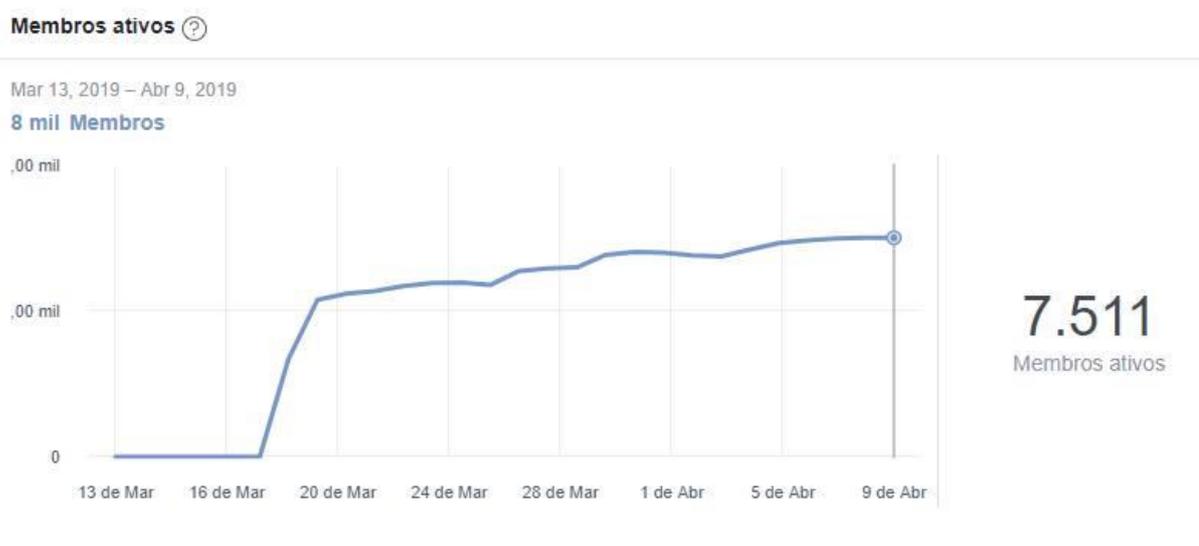


Figura 2 - Print das estatísticas do *Facebook* que mostra a interação dos membros ativos no grupo

Mesmo com esse número grande de postagens diárias, os administradores tentam fazer uma moderação do conteúdo para evitar grande repetição de postagens, o que eles chamam de *flood*, e discursos de ódio que agridam outros membros, atores ou produtores dos filmes ou qualquer discussão que fira o direito a livre expressão de cada um. O objetivo é deixar o ambiente leve e descontraído, tentando sempre manter o foco do grupo que seria o de incentivar a interação entre os cinéfilos e o entretenimento.

Esse ambiente descontraído, em que todos os membros podem expressar suas opiniões e gostos, arriscamos afirmar, é o que faz o DDC ser diferente de outros grupos com a mesma temática no *Facebook*. Os próprios membros sinalizam com frequência as suas preferências pelo DDC:



Figura 3 - Comentários de alguns membros sobre o grupo *Dias de Cinefilia*

O grupo é fechado, e assim, de acordo com a política *Facebook*, qualquer pessoa pode ver quem está nele, mas somente os seus membros podem ver e fazer publicações. Para fazer parte do *Dias de Cinefilia* é necessário que a pessoa que estiver interessada faça uma solicitação para os moderadores ou administradores, que tem a decisão de aceitar ou rejeitar a participação de cada usuário. De início não tem nenhuma triagem para essa seleção, mas o comportamento do novo membro é observado e caso haja algo que desrespeite algum membro ou regra do grupo, essa pessoa pode ser banida e até bloqueada.

Apesar do nome *Dias de Cinefilia*, o grupo não se limita a falar apenas sobre cinema e acaba abordando outros assuntos do campo audiovisual. Segundo Gabriel Barbosa, administrador do grupo, em entrevista disponível no Apêndice B desta pesquisa, isso se dá pela mudança da forma como nos relacionamos com o audiovisual: “TV tem cara de cinema, cinema vai direto pro *streaming*”. Além dos filmes de super-heróis, os assuntos mais populares no grupo são as novelas e *realities*, especialmente *Masterchef* e *Big Brother Brasil*.

Durante as exibições desses programas, é comum ver posts em que muitos dos membros comentam o programa ou episódio ao vivo, algo que não se vê em outros grupos, até mesmo porque o hábito de assistir a um programa de TV não é mais tão comum, devido aos serviços de *streaming* e a facilidade de se assistir o que se quiser, na hora que quiser e onde estiver.

Segundo pesquisa¹⁷ divulgada pelo IBOPE Conecta em abril de 2018, 95% dos brasileiros disseram que acessam a internet enquanto assistem televisão. Ao navegarem enquanto assistem, 9% disseram que usam a internet simultaneamente para interagir com o que está acontecendo na transmissão, mesmo percentual dos que discutem com amigos sobre o programa que estão assistindo.

O próprio *Facebook* lançou recentemente uma nova função chamada *Watch Party*, um recurso que permite que usuários membros de um grupo possam assistir a vídeos ao mesmo tempo. Uma vez que a *Watch Party* é iniciada, os participantes do grupo podem ver os vídeos interagindo através de comentários, curtidas e reações, uns com os outros e ao mesmo tempo no bate-papo. Por enquanto, a função funciona apenas dentro de grupos do *Facebook*, mas a rede social pretende expandir essa ferramenta para perfis e páginas.

Assim, o grupo passa a exercer uma função parecida com a que os cineclubes tinham antigamente, em que os filmes eram vistos e debatidos depois com o público que o assistiu. Porém, agora a diferença é que não há a necessidade de um lugar físico para realização desses debates e cada membro pode assistir ao filme, série ou programa da sua casa e discutir através do grupo ao mesmo tempo da exibição, de forma instantânea.

4. A RECEPÇÃO DA CRÍTICA CINÉFILA AO FILME *NÓS*

Como foi mencionado, o grupo é fechado e somente os membros que fazem parte deste podem ver e fazer publicações. Todos os *prints* de comentários expostos nesta pesquisa, terão o nome e foto do autor apagados para preservar o anonimato. Além disso, o importante são os comentários e críticas feitas pelos cinéfilos do grupo e não quem é o autor do discurso.

Para a coleta dos dados foi escolhida a técnica de Observação Participante, em que o observador participa ativamente nas atividades de recolha dos dados, sendo necessária a capacidade de adaptação do investigador no grupo ou contexto estudado. De acordo com o artigo “A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa”¹⁸, escrito por Lisete S. Mónico, Valentim R. Alferes, Paulo A. Castro, Pedro M. Parreira (2017), esta técnica de pesquisa tem origem na Antropologia Cultural e permite, através da imersão do investigador, observar fatos, hábitos e comportamentos que poderiam ser perdidos caso fosse

¹⁷ Disponível em: <http://ibopecnecta.com/95-dos-internautas-brasileiros-assistem-tv-enquanto-usam-internet/> Acesso em 11 de maio de 2019

¹⁸ Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/download/1447/1404/> Acesso em 29 de maio de 2019

realizado por entrevista ou presença de estanhos. A Observação Participante funciona muito bem em pesquisas de exploração e descrição, como é o caso deste trabalho.

Como investigador e membro do *Dias de Cinefilia*, pude participar de debates e interações do grupo. Antes desta pesquisa, eu já fazia parte desta comunidade e por já conhecer o grupo e algumas de suas características escolhi o *Dias de Cinefilia* como ambiente em que realizaria a análise. Como observador, não revelei o meu objetivo e identidade para todos os membros do grupo, apenas os administradores do grupo souberam da pesquisa. Com eles, pude realizar algumas entrevistas, através de *e-mail*¹⁹, para saber um pouco mais sobre a história do grupo, suas percepções sobre as interações entre os membros e algumas informações que apenas os administradores tinham acesso.

Optamos por estabelecer um período de análise dos comentários, delimitado entre o dia 19 de março de 2019, dia anterior a estreia do filme *Nós*, e o dia 31 de março de 2019. O objetivo era observar a expectativa dos membros do grupo antes da estreia do filme e um período de dois finais de semana após o lançamento para que os membros assistissem ao longa, já que nem sempre todos tem a oportunidade na primeira semana de estreia. Devido ao bloqueio do antigo grupo do *Dias de Cinefilia*, o período para observação das expectativas prévias do filme teve que ser reduzido.

Foi criada uma tabela com as datas e os links das postagens. Para melhor observação, os posts foram divididos em três categorias e cores: memes (vermelho), informações (azul) e crítica (verde). Assim, observamos a ocorrência de 38 posts no grupo relacionados ao filme. O maior número de ocorrências de posts feitos sobre o filme pode ser percebido no dia 27 de março, na quarta-feira após a estreia, com a ocorrência de 10 publicações, seguido dos dias 24 de março e 31 de março, ambos domingos, com 6 e 4 posts, respectivamente.

¹⁹ As entrevistas na íntegra com Leandro Correia e Gabriel Barbosa, administradores do grupo Dias de Cinefilia, estão disponíveis no Apêndice A e B, respectivamente.

| 19 de março | 20 de março | 21 de março | 22 de março | 23 de março | 24 de março | 25 de março | 26 de março | 27 de março | 28 de março | 29 de março | 30 de março | 31 de março | LEGENDA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|-------------|
| https://www.facebook.com/moquese.3939592031/p/606134131141604/ | MEI |
| https://www.facebook.com/moquese.3939592031/p/606134131141604/ | INFORMAÇÕES |
| https://www.facebook.com/moquese.3939592031/p/606134131141604/ | CRÍTICA |

Figura 4 - Tabela de links das postagens relacionadas ao filme no grupo Dias de Cinefilia

Visto isso, arrisco afirmar que o fato de os dois domingos que sucederam a estreia do filme estarem como os dias que tiveram mais ocorrência de publicações, pode ser justificado pelo motivo de os membros aproveitarem os finais de semana livres para ir ao cinema.

Antes de analisar a recepção do filme pelos membros no grupo, foi observado como os participantes do *Dias de Cinefilia* estavam em relação a expectativa para o novo trabalho do diretor norte-americano Jordan Peele.

4.1. A expectativa para o novo trabalho do diretor

Depois de sua grande estreia como diretor com o sucesso de *Corra!* (2017), Jordan Peele retorna com *Nós* (2019), um filme ainda mais ambicioso e com uma história de horror que mais do que assusta, incomoda por causa de sua estranheza.

Peele é um ator e cineasta norte-americano que começou sua carreira com trabalhos na televisão onde fez parte do elenco do MADtv, um programa humorístico de esquetes da TV norte-americana, exibido pela FOX e baseado na Revista MAD.

Com uma carreira dedicada a comédia, Jordan Peele teve sua estreia na direção em 2017 com *Corra!* que mantinha a tensão do espectador por meio de uma narrativa complexa, repleta de significados e que usava elementos do gênero de terror fantástico para abordar a crítica social sobre o racismo na sociedade norte-americana. O filme foi aclamado pela crítica e pelo público, sendo considerado um sucesso ao arrecadar mais de U\$255 milhões²⁰ nas bilheteiras ao redor do mundo. O trabalho recebeu várias indicações a prêmios, inclusive ao Oscar de Melhor Filme, Melhor Diretor e Melhor Roteiro Original, vencendo nessa última categoria.

²⁰ Dados disponíveis no site <https://www.boxofficemojo.com/movies/?id=blumhouse2.htm> Acessado: 11 de maio de 2019

Esse sucesso em seu primeiro trabalho como diretor ajudou Jordan Peele a conquistar uma legião de fãs que, apesar de uma filmografia relativamente pequena, já conseguia gerar expectativas para os seus próximos lançamentos. No grupo *Dias de Cinefilia*, alguns membros já esperavam com ansiedade a estreia do filme e as expectativas eram que *Nós* conseguiria igualar ou superar o sucesso do filme antecessor do diretor. Era também esperado o retorno à temática de crítica social associado ao racismo em um composto híbrido com o gênero de terror. Os comentários abaixo indicam uma mistura de ansiedade e expectativa em relação a obra.

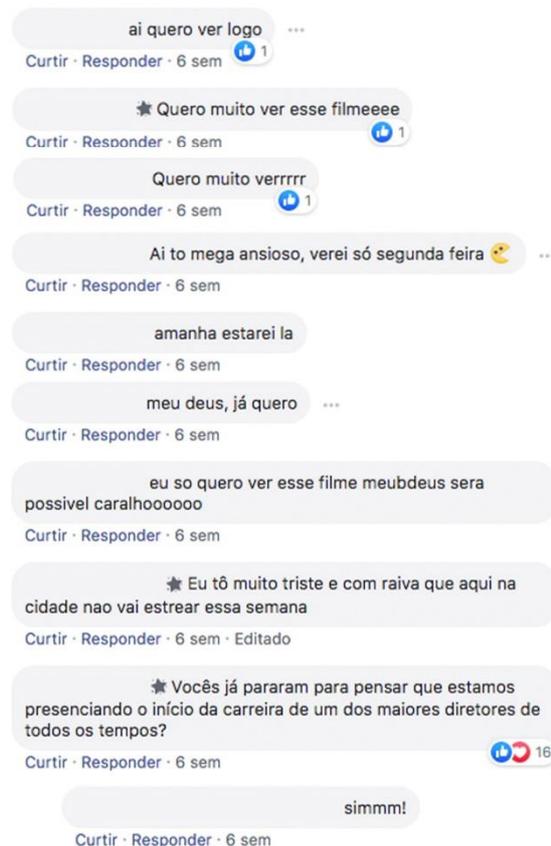


Figura 5 - Fãs comentam sobre a ansiedade de assistir ao próximo filme de Jordan Peele no dia anterior a estreia de *Nós*

Certamente a campanha de marketing, muito comum em grandes lançamentos de *Hollywood* ajudou a criar essa expectativa. Foram divulgados pôster, imagens e trailers nos meses que antecederam o lançamento. Além disso, o filme conquistou 100% de aprovação dos críticos no *Rotten Tomatoes*, após a primeira exibição mundial do filme, em 09 de março, durante o Festival *South By Southwest* (SXSW). As primeiras impressões dos críticos que puderam participar da sessão foram unânimes ao aprovar o novo projeto de Jordan Peele, o que deixou os cinéfilos do grupo ainda mais ansiosos para conferir o filme.

O diretor retorna ao terror, mas ao contrário de “Corra!”, não traz a questão racial como pano principal para construção da trama. Apesar da família que protagoniza o filme ser formada por atores negros (Lupita Nyong’o, Winston Duke, Shahadi Wright Joseph e Evan Alex), a crítica social dentro da narrativa é feita de maneira mais sutil, deixando livre a interpretação dos espectadores.

Os filmes de Peele se diferenciam de grande parte dos outros filmes de terror que tem sido lançado no mercado nos últimos anos e é isso que chama mais atenção dos cinéfilos. Tanto *Corra!*, quanto *Nós* trazem histórias bem construídas, com elementos e espaços que exigem uma interpretação do espectador para uma experiência fílmica completa. Diferente de muitos filmes do gênero que se resumiam a roteiros rasos, cheios de clichês e *jump scares*²¹.

O terror era conhecido como uma forma de fazer uma crítica ao mundo a nossa volta. Grandes clássicos do gênero como *O Bebê de Rosemary* (1968) e *O Iluminado* (1980), debatiam temas que iam da família à religião e moralidade em geral. Entretanto, isso foi se perdendo e o gênero começou a “decair”, apresentando narrativas previsíveis e personagens rasos, privilegiando o sangue na tela e os sustos. Neste cenário, era possível saber quais personagens teriam uma morte horrível, principalmente os personagens negros que, quase sempre, eram os primeiros a morrer.

Porém, alguns lançamentos recentes têm trazido novamente esse teor crítico e transgressor dos filmes de terror. O crítico de cinema do *The Guardian*, Steve Rose (2017), ao escrever sobre *Ao Cair da Noite* (Trey Edward Shults, 2017), classifica esse novo movimento de longas, que se arriscam fugir das convenções valendo-se de uma narrativa mais sofisticada, como pós-terror.

Podemos afirmar que o que Rose (2017) faz é apenas catalogar essas diversas tentativas das produções de horror que buscam uma quebra de clichês e que tentam se reinventar, o que normalmente acontece quando um determinado gênero satura. E foi trazendo questões raciais e as dores da sociedade norte-americana, misturada com o horror e uma pitada de comédia, sempre presente em sua carreira, que Jordan Peele conseguiu se diferenciar e trazer um novo frescor para o gênero, algo que caiu nas graças do público e da crítica.

O crítico brasileiro Pablo Villaça, responsável pelo site *Cinema em Cena*, escreveu sobre *Nós*, comparando-o com o primeiro trabalho do diretor, destacando a utilização do gênero de horror para abordar as mazelas da nossa sociedade:

²¹ O *Jump scare* é uma técnica frequentemente usada nos filmes de terror para assustar o público, surpreendendo-o com uma mudança abrupta de imagem, geralmente com um som alto e assustador.

Atento ao potencial do Terror para criar alegorias instigantes dentro de uma estrutura de gênero, Peele usava aquele filme como um comentário sobre o racismo que permeia toda a sociedade norte-americana (poderia ser sobre a nossa também, infelizmente) e que pode ser encontrado sob palavras e ações aparentemente inocentes. Assim, desta vez não é surpresa constatar como o cineasta constrói mais uma obra que, eficiente em sua proposta de aterrorizar, não desperdiça a chance de voltar a apontar as mazelas sociais de um país cuja vitrine de oportunidades busca disfarçar um estoque infinito de desigualdades e opressão.²²

No grupo *Dias de Cinefilia*, os comentários iniciais sinalizam a possibilidade da nova obra de Jordan Peele ser um grande sucesso, mas expectativas podem ser contrariadas. Vejamos o que os críticos cinéfilos comentaram:

· 20 de março

Fazia tempo que não ficava tão nervoso e sentia tanta tensão com um filme como com NÓS. Grande parte dos filmes de terror dedicam a maior parte do tempo à construção de suspense e personagens, pra só no terceiro ato mergulharem no horror palpável. Em NÓS é diferente, o horror começa muito cedo, então a maior parte do filme ele está ali, em cada plano, então teve uma hora que eu tava pedindo clemência já porque eu não aguentava mais sofrer.

Dito isso é um filme incrível, tem um ótimo senso de humor assim como *Get Out* e me surpreendeu porque ele é bem diferente do que eu imaginava que fosse em vários aspectos. Não creio que o contexto político aqui por exemplo seja o racismo, mas sim o classismo e a xenofobia. A sociedade americana dividida em classes e o senso de comunidade e nacionalismo que leva o ser humano ao desprezo pelo outro que vem de um lugar diferente. Mas não sei se é necessariamente o foco aqui, o Jordan parece estar mirando mais pra o horror psicológico que vem da gente.

Não vou entrar em detalhes pra não dar spoilers, mas é isto. Lupita tá incrível e bem assustadora, duvido que todas as indicadas da próxima award season estejam melhores que ela.



Figura 6 - Print da primeira crítica cinéfila do filme no grupo *Dias de Cinefilia*

Esse crítico cinéfilo teve a oportunidade de assistir ao filme antecipadamente, antes da estreia nacional no dia 21 de março e resolveu utilizar o espaço do grupo para compartilhar as suas primeiras percepções sobre o longa. A partir de alguns elementos presente no texto do crítico cinéfilo como “construção de suspense e personagens” e “terceiro ato” pode-se perceber

²² Disponível em <http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/8478/nos> Acessado: 11 de maio de 2019

que ele tem um certo conhecimento de filmes do gênero de terror e construção roteiro. Ele também, assim como no comentário de Pablo Villaça, mencionado anteriormente aqui, faz uma comparação com o trabalho anterior do diretor ao mencionar o senso de humor e o racismo que foram destaque em “*Corra!*”

Ao mesmo tempo que o crítico cinéfilo faz uma comparação entre os dois filmes, ele ressalta uma mudança de foco do diretor, que agora, na sua percepção, dá um maior destaque ao horror psicológico do que a crítica sobre a sociedade americana.

A análise que o membro faz é breve, ele tenta cobrir os principais pontos de chamaram a sua atenção ao longo do filme, sem dar muitos detalhes para não estragar a experiência fílmica dos outros membros do grupo.

4.2. Spoiler Alert!

Em algumas postagens no grupo *Dias de Cinefilia* pudemos observar, no período em que realizamos a análise, um cuidado especial, no que diz respeito aos *spoilers*, tanto dos moderadores e administradores do grupo, quanto de seus membros. *Spoiler* é aquela informação dada antecipadamente sobre um determinado trecho de um filme. Esse cuidado é tomado com o objetivo de não prejudicar a experiência fílmica dos outros cinéfilos que ainda não assistiram ao filme e não querem saber previamente o que acontece, uma convenção herdada da crítica de cinema.

No grupo, durante o período da análise, foram feitos 7 posts com aviso de possíveis *spoilers*. Todas as postagens receberam, logo no início, a marca “[SPOILERS]”, a fim de alertar aos outros membros do grupo que não queriam saber sobre detalhes da narrativa, dando-lhes a opção de ler ou não, mantendo-se livre de *spoiler*.

Há uma regra no grupo, com intuito de proteger os membros que não querem ter acessos a essas informações antecipadas. Antes de escrever e publicar qualquer notícia que possa ser considerada como *spoiler*, o membro é obrigado a colocar um aviso que tal conteúdo pode atrapalhar a experiência daqueles que ainda não assistiram a obra, e em seguida é necessário pular algumas linhas para, assim, colocar o comentário ou informação, de modo que fique escondido e para visualizá-lo seja necessário clicar em “ver mais”, recurso que a própria plataforma do *Facebook* disponibiliza para textos grandes.

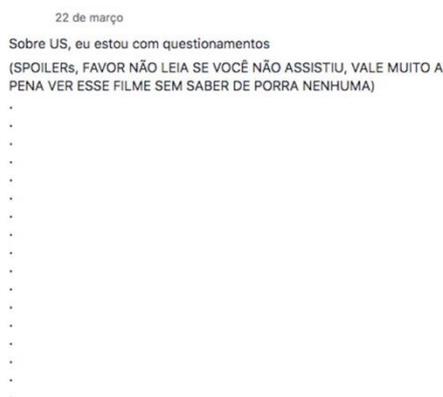


Figura 7 - Print de uma postagem com aviso de spoiler no grupo *Dias de Cinefilia*

Foram indicados como conteúdos que continham possíveis *spoilers* os posts que discutiam alguns elementos presentes na narrativa, além das postagens que traziam interpretações do subtexto do filme.

Caso o membro não cumpra esta regra, sua publicação pode ser apagada pelos administradores e caso o membro insista em realizar essas postagens sem o aviso, pode ser banido do grupo. O controle para esse tipo de postagem ficou ainda mais rígido após o *Dias de Cinefilia* ter o seu antigo grupo apagado pelo *Facebook* depois que um dos membros teve acesso a grande parte do roteiro de *Shazam* (David F. Sandberg, 2019), filme baseado no super-herói da editora americana de quadrinhos DC Comics, e ter postado a descrição de vários acontecimentos do longa antes da estreia nacional.

4.3. A busca pelo sentido

Como foi abordado no primeiro capítulo, o filme é uma obra mutável, que muda com o que fazemos dela, o que sentimos e como interpretamos cada elemento inserido pelo diretor na composição da narrativa. Tal interpretação é pessoal e pode ter relação com as experiências de vida e conhecimento de cada espectador.

Apesar de ser algo muito individual, essas percepções e entendimentos do filme podem ser compartilhadas com outros espectadores em blogs, fóruns, comunidades online e, nesse caso, no grupo *Dias de Cinefilia*, visto que é um espaço aberto para discussões.

Dos 38 posts feitos durante o período de análise desta pesquisa, 11 faziam algum tipo de avaliação sobre o filme, fosse ela boa ou ruim. Foi possível também observar que essa prática se manteve constante nos dias que sucederam a estreia, mantendo uma frequência de um post por dia.

A maioria dentre esses 11 posts evidenciavam a performance dos atores, a trilha sonora, a tensão que o diretor conseguiu manter desde o início do filme, mas o que movimentou as discussões foi a busca pelos significados dos símbolos que a narrativa evocava, além do entendimento do comentário social que o longa trazia no seu subtexto.

Essa mistura entre o horror e a crítica social foi o marco do primeiro trabalho de Jordan Peele como diretor. Baseando-se nessa premissa, os membros do grupo *Dias de Cinefilia* tinham expectativas de ver como essa mistura estaria presente em *Nós*.



Figura 8 - Print dos comentários dos membros sobre a crítica social do filme

Percebemos na troca de comentários que houve um certo conflito em relação ao que seria o “foco” do filme. Alguns dos cinéfilos do grupo consideraram que o comentário social não foi o foco da narrativa, assim como foi em *“Corra!”*, mas ainda assim, o diretor trouxe, no novo filme, um debate sobre privilégios, divisão de classes e segregação na sociedade norte-americana, mas essa interpretação não foi um consenso entre os membros.

Alguns utilizaram o espaço do grupo para debater as suas interpretações do significado do filme, argumentando e trazendo suas percepções sobre cada símbolo e pistas dada pelo diretor durante a narrativa. Houve quem entendesse que a história dos *doppelgänger*²³ seria

²³ De origem alemã, o Doppelgänger é um ser que tem o dom de “clonar” uma pessoa e imitá-la nos mínimos detalhes.

uma metáfora sobre a derrota do partido democrata dos EUA nas eleições de 2016 que levou o atual presidente, Donald Trump, ao poder. Conforme podemos ver no comentário abaixo:

23 de março

[SPOILERS]
Post com Spoilers de "Nós".

*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*

DDC perdoa meu textão, mas eu acabei de ver o filme e quero debater sobre, julguei que esse era o espaço ideal para tal. MINHA interpretação de Nós (não achei nada parecido no google ou aqui e por isso decidi escrever): o filme é um horror metafórico que fala das eleições de 2016, a derrota do partido Democrata mesmo após 8 anos do seu governo mais popular. Eu definitivamente não posso ter sido o único pq é tudo muito óbvio ao meu ver.

Lembro a primeira vez que vi o cartaz do filme, meses atrás, e por um erro de leitura eu achei que o filme ia se chamar "US" como a sigla em inglês para "United States", só depois descobri que era "Us", "Nós" em inglês. Talvez por isso eu tenha encucado com essa teoria, mas o filme me deu muito pano pra essa maga:

- Primeiro, o que diz a Bíblia em Jeremias, cap. 11 versículo 11: Portanto assim diz o Senhor: Eis que trarei mal sobre eles, de que não poderão escapar; e clamarão a mim, mas eu não os ouvirei."
- Os clones são pessoas que "sempre" existiram e ficaram escondidas esse tempo todo, planejando e esperando um momento propício em que se sentiriam fortes e confortáveis o bastante para subirem pra superfície.
- Na cena em que a filha pergunta para o clone da Lupita Nyong'o quem são eles, ela responde simplesmente: "nós somos americanos".
- A família da Elisabeth Moss é tratada com desdém pela família protagonista e vice-versa: o personagem de Winston Duke não gosta quando o de Tim Heidecker "se gaba" do carro novo e parece mesmo que o segundo quer constantemente mostrar que tem mais poder aquisitivo; Moss na praia faz questão de trazer o assunto de sua cirurgia plástica e da "inveja" que tem do fato da personagem de Nyong'o não precisar de nenhuma; as gêmeas chamam o filho do casal protagonista de "retardado", se colocando numa posição de superioridade a ele e sua irmã.
- Os clones vestem vermelho, cor historicamente relacionada ao partido republicano, cor mais presente nas bandeiras nazistas e dos Confederados, também a cor mais explorada na campanha de Trump.
- Os clones não têm voz, os que parecem ter não sabem falar direito.
- Eles se unem e fazem literalmente uma corrente que corta todo o país, apenas dando as mãos.
- Quase toda a violência explícita do filme é praticada pelos "heróis" e não pelos "vilões", toda violência praticada pelos clones acontece no escuro.
- O filme explora muito a imagem dos coelhos, animais conhecidos por se reproduzirem com muita rapidez.
- Fica claro no final que a personagem de Nyong'o era "uma deles" que se tornou (ou talvez não) "uma de nós".

Relacionando esses fatos: o diretor quis fazer uma crítica à desunião e agressividade que levou Trump a Casa Branca em 2016. Quando ele coloca pessoa exatamente iguais aos protagonistas como monstros, ele quer dizer que quem elegeu o governo atual foram pessoa "comuns". Não são pessoas 100% ruins, monstros literais com garras e presas, são seres humanos relacionáveis que podem bem ser exatamente como nós, viver a mesma vida, ter a mesma configuração familiar, estarem expostos as mesmas influências. Simplesmente "americanos", que não tinham voz, mas agora conseguiram quebrar seu silêncio, usam a violência praticada por "nós" como argumento para nos vencer e praticam a sua própria violência no escuro, sem que ninguém a enxergue direito. Se colocam na posição dos oprimidos e nos chamam de opressores por termos "direitos demais" (na lenda a menina sempre se dá bem enquanto a sombra dela só se dá mal).

O que os difere da gente é que, enquanto eles conseguem se organizar para tirar de nós o mundo "de cima" e fazer uma corrente literal que vai de uma costa a outra e toma todo o país, "o lado de cá" se preocupa em se dividir cada vez mais. Seja querendo provar que temos mais poder aquisitivo pros outros para nos sentirmos superiores, seja nos recalcar do carro novo ou da forma física alheia, todos trabalhamos de alguma forma para a desunião do nosso grupo que se enfraquece frente aos "outros". Para nosso azar, o discurso convence fácil e os do "lado de lá" se multiplicam velozmente, tal qual coelhos.

Algumas cenas que me chamaram a atenção (com certeza por intenção do diretor): as em que a personagem de Nyong'o mata os clones friamente e com força e violência exagerada, e também as cenas em que sua filha faz o mesmo. Na cena em que ela volta para buscar as chaves do carro e acaba tendo que matar um dos clones das gêmeas e também na cena final em que ela mata seu próprio clone, seu filho a observa com medo. Ele seria o próprio Jordan Peele percebendo a agressividade e violência do "lado de cá" e se horrorizando com isso (seu nome é Jason, que lembra muito Jordan e ele veste uma máscara do Chewbacca, referência a Star Wars, saga que o diretor já afirmou ser fã). A origem da preocupação e da inspiração para a obra em si.

A última coisa que descobrimos no filme (numa cena bastante expositiva) é que a protagonista era um dos clones que foi trocada na infância. Por alguns segundos pode parecer que ela vai revelar sua natureza e matar seu próprio filho, mas ela não o faz, dando a entender que apesar de ser um "deles", ela se tornou um de "nós". A mensagem que o diretor passa com isso: nós podemos trazê-los para o nosso lado. Odiá-los e nos separarmos deles só piora a situação. Temos que, dessa vez realmente unidos, trabalhar para que venham pro lado que nos fortalecerá, afinal, apesar de os enxergarmos como monstros e os maiores vilões da história, é sim possível mudá-los como a personagem mudou.

Eu realmente acho que meu "erro" foi intencional e o diretor queria fazer um trocadilho e chamar o filme de "Us" justamente porque a palavra nos remete a "US".



Figura 9 - Print de uma análise sobre o significado de alguns elementos do filme

O crítico cinéfilo após assistir ao filme, decide utilizar o espaço do grupo para compartilhar com os outros membros do *Dias de Cinefilia* suas leituras. Ele julga esse espaço adequado para expor suas interpretações pois esse ambiente é formado por pessoas que, assim como ele, são cinéfilos e gostam de debater sobre as obras assistidas, além de terem alguns conhecimentos sobre cinema e dividirem estratégias de interpretação do texto fílmico.

O autor do post acima obteve, além de informações prévias, adquiridas provavelmente por meio de pesquisas e materiais do filme antes da estreia, formulou uma teoria sobre a simbologia da história. Mas foi também necessário conhecimento externo ao filme para que ele pudesse formular esse pensamento. Para esse entendimento, o crítico cinéfilo estabeleceu relações entre *Nós* e o atual contexto político dos EUA.

Os clones vestem vermelho, cor historicamente relacionada ao partido republicano, cor mais presente nas bandeiras nazistas e dos Confederados, também a cor mais explorada na campanha de Trump.

Acumulando saberes extrínsecos ao filme este crítico cinéfilo discorre sobre a cor das roupas dos *doppelgänger* clones ao relacioná-la com a cor do partido republicano, a bandeira nazista e a campanha de Donald Trump em 2016. Essa relação só foi possível devido ao seu conhecimento prévio, já que tais informações não estavam presentes no filme. Isso revela que o crítico cinéfilo dispunha de um capital cultural que o ajudou a construir essa interpretação.

Com as reações “amei”, “curtir” e “uau”, podemos supor que esse entendimento tenha sido bem aceito por parte membros do grupo, o que pode se comprovar pelos comentários. Alguns membros elogiaram a argumentação e os elementos que o autor da teoria trouxe para embasar a sua linha de raciocínio, outros membros ajudaram a completar algumas lacunas informativas, mas no geral, a leitura interpretativa foi bem aceita e consensual, como pode ser vista na imagem abaixo:



74 63 comentários

Curtir Comentar

Vou salvar o post pq vou ver amanha ANSIOSA
Curtir · Responder · 6 sem 1

2 respostas

Curtir · Responder · 6 sem 1

Amei!!! Pensei em algo parecido, mas vc elaborou muito melhor hahaha
Curtir · Responder · 6 sem

Aaah uma coisa!!! A casa dos "originais" é toda de vidro o que eu acho representa muito a fragilidade dos democratas (teto de vidro e tal) e quando os clones apareceram o pai não deu muita importancia, o que mostra que lá atrás quando esse nacionalismo foda voltou a tomar força muita gente simplesmente ignorou
Curtir · Responder · 6 sem 12

1 resposta

Playing Fuck the Police by NWA
Curtir · Responder · 6 sem 4

Muita coisa que você falou fez sentido, mas não quanto ao twist do final. Sim, a menina mudou de lado, mas isso foi às custas de levar a original pro submundo e causar toda a rebelião. Isso simboliza o que, exatamente?
Curtir · Responder · 6 sem 1

1 resposta

★ Gostei da sua interpretação, bem fundamentada
Curtir · Responder · 6 sem 1

A minha cabeça vai explodir de tanta referência e interpretação. Faz total sentido!
Curtir · Responder · 6 sem 1

Só aplausos p vc por ter explicado tão bem
Curtir · Responder · 6 sem 1

Sua interpretação faz muito sentido!!! Eu tive uma diferente que até comentei em outro post, mas tem algumas similaridades com a sua. Consegui enxergar a política americana mas pra mim a crítica foi direcionada ao lado de "lá" mesmo. Exatamente pelo p... Ver mais
Curtir · Responder · 6 sem · Editado 14

4 respostas

Ai gente vcs conseguem extrair tanta coisa que fico chocado
Curtir · Responder · 6 sem 3

totaaal sentido aaaaaa
Curtir · Responder · 6 sem 1

MEU DEUS AAAA VIADOOO SOS



Curtir · Responder · 6 sem 1

teorias
Curtir · Responder · 6 sem 1

Caralho meu irmão, cê dissecou o filme
Curtir · Responder · 6 sem 3

3 respostas

Curtir · Responder · 6 sem 1

Só me digam uma coisa, é terror like Get it out ou like Hereditary?
Curtir · Responder · 6 sem 1

3 respostas

Curtir · Responder · 6 sem 1

1 resposta

Faz sentido
Curtir · Responder · 6 sem 1

Eu achei que só eu tinha achado o "US" intencional. Vi com minha prima ontem e falei sobre isso.
Curtir · Responder · 6 sem 1

1 resposta

visse isso??
Curtir · Responder · 6 sem 1

1 resposta

eu achei meio forçado na parte do "o filho é o proprio jordan peele"
Curtir · Responder · 6 sem

Amei essa interpretação. Eu enxergo o filme mais como uma alegoria ao modo de vida Americano, e como eles próprios se enxergam. Pra mim, os Reds são como estrangeiros e imigrantes, que muitas vezes são subjugados em terras americanas, tendo que lidar com pouquíssimas ou quase nenhuma oportunidade, mesmo que de forma geral, vivam e se insiram na sociedade americana, como os "nativos".
Curtir · Responder · 6 sem 10

3 respostas

Curtir · Responder · 6 sem

1

Curtir · Responder · 6 sem

★ Não só nos Estados Unidos como no mundo todo que foi tomado por uma frente conservadora extrema, Brasil incluso.
Curtir · Responder · 6 sem

Figura 10 - Captura de tela dos comentários sobre a interpretação de um dos membros do grupo

Mas essa interpretação não é universal e cada leitor entende o filme a partir do seu conhecimento e experiências prévias que ultrapassam o texto fílmico. Com essa interação e troca de percepções que ambientes online como o grupo *Dias de Cinefilia* oferecem através da criação e comentários nos posts, pode-se assim, fomentar a troca e o debate dos simbolismos presentes na narrativa. E essa capacidade de o filme gerar discussões sobre o seu entendimento é o que torna a narrativa ainda mais rica.

Sua interpretação faz muito sentido!!! Eu tive uma diferente que até comentei em outro post, mas tem algumas similaridades com a sua. Consegui enxergar a política americana mas pra mim a crítica foi direcionada ao lado de "lá" mesmo. Exatamente pelo plot twist e por como você mesmo apontou, toda a ação dos "mocinhos" é exposta na tela enquanto a dos "vilões" é ofuscada.

Alguns pontos me levaram ao ponto da xenofobia americana em relação à povos estrangeiros e a como a sociedade é elitista e segregacionista.

- 1- Adelaide em um momento do filme diz que quer ir pro México, pq lá eles estariam "mais seguros", e o marido mesmo diante de toda aquela confusão, simplesmente não quer ir.
- 2- O pai da Adelaide, depois do trauma sofrido pela filha, diz que ela iria ficar bem pq não era como se ela "tivesse ido pro Vietnã".
- 3- As cópias conversam entre si, mas os Americanos não entendem. É quase como se fosse outra língua, e a única que consegue falar é exatamente a Red, pq ela viveu nos Estados Unidos, ela teve a cultura de lá, e é por isso que ela é vista como um "Deus" pras cópias.
- 4- Todo o discurso da Red muda de sentido quando a gente descobre o final do filme. No começo você sente um discurso invejoso e na conclusão ele toma um viés vingativo de justiça. Eles foram tomar o que eles também têm direito. O que faz eles menos merecedores do que os privilegiados que podem ver o céu e não aproveitam? Eles são humanos também, são americanos também. Dá pra fazer uma analogia tanto aos americanos nascidos nos EUA, que são marginalizados, como também aos americanos dos países de "baixo", Mexicanos e Latinos continuam sendo Americanos, certo? E faz um sentido bizarro pq as cópias vivem em baixo da cilização.
- 5- O plot twist prova que o local e contexto ao qual você é inserido definem a pessoa que você é, tanto pra si mesmo quanto pros outros. A cópia da Adelaide nasceu pobre e marginalizada, mas conseguiu viver uma vida perfeita, não por conta de seu caráter (afinal ela rouba a vida da verdadeira Adelaide) mas sim por que teve as oportunidades que precisava.

Eu gostei bastante dessa analogia que você fez da cor vermelha, nazismo e etc. Olhando por essa ótica das eleições, eu só conseguia pensar no muro do Trump com aquela fronteira que eles fizeram de mãos dadas. É quase como se toda a população tivesse assumido seu "lado obscuro" nessas eleições, e como se todos estivessem unidos para barrar a passagem de outros povos. É até meio irônico o fato de que a união do povo vermelho segrega mais do que une.

Enfim, o filme tem muitas camadas, to ansioso pra ver de novo pq é o tipo de filme que te faz pegar um detalhezinho diferente toda vez que assiste.

Curtir · Responder · 6 sem · Editado 14

Nossa, esse teu ponto de vista também faz todo sentido. E é tão incrível quanto. Mas é assim que a gente sabe que o filme é uma boa obra, quando nos dá espaço pra interpretar e debater sobre.

Curtir · Responder · 6 sem 1

olha isso!!

Curtir · Responder · 6 sem 1

Curtir · Responder · 5 sem 1

Curtir · Responder · 5 sem

Figura 11 - Print do debate entre interpretações distintas sobre o filme

De todas as postagens que faziam algum tipo de avaliação do filme, foi observada apenas uma que fazia comentários negativos sobre o longa. Os pontos que deixaram o autor da postagem descontente foram, na visão dele, alguns furos no roteiro. Este foi o post que mais teve repercussão durante o período de análise da pesquisa, com 356 comentários, como pode ser observado na figura abaixo:

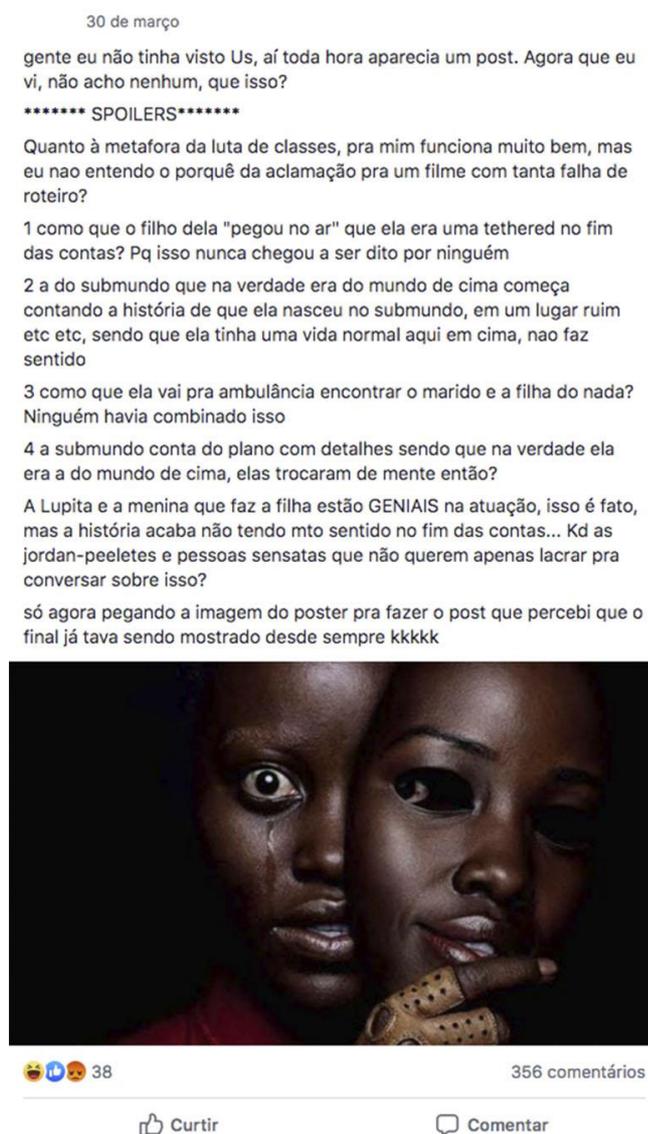


Figura 12 - Captura de tela de uma análise negativa sobre o filme

Nos comentários, muitos membros concordaram com as falhas apontadas pelo autor do post, mas os críticos cinéfilos que gostaram do filme também usaram os comentários para defender seu ponto de vista. Esse debate ao meu ver é saudável, já que, como disse anteriormente, as leituras variadas da obra e a troca argumentativa, revelam um cenário discursivamente democrático estabelecido pelo grupo, em que qualquer membro pode compartilhar as suas interpretações e pontos de vista.

O post também gerou comentários ofensivos, que tentavam desmerecer qualquer posicionamento contrário. Em alguns casos, a discussão sai do debate do filme, partindo para as ofensas pessoais.



Figura 13 - Discussão entre alguns membros sobre o entendimento do filme

A polarização foi instaurada e a rede se transformou em um espelho da esfera pública, em que os membros atuavam em uma espécie de jogo de forças a fim de chegar a um consenso sobre a qualidade do filme. Nessa nova esfera pública, todos têm a possibilidade de se manifestar e mostrar seu ponto de vista através de argumentos nos comentários, além disso, a plataforma do *Facebook* permite que os usuários produzam sinais de aprovação por meio dos botões de “Curtir” e “Amei” ou desaprovação com o botão de “Grr”.

O francês Pierre Levy já enxergava o potencial que o ciberespaço tinha de estabelecer uma nova esfera pública. Ele argumenta que a internet oferece o suporte tecnológico necessário para a retomada de um debate público abrangente e democrático.

4.4. Memes

A internet possibilitou compartilhamento não apenas textos verbais, como também conteúdos com imagem, som e movimento, tais como gifs e memes. Este último muito presente em ambientes virtuais, especialmente nas redes sociais. Visto que são criações dos próprios usuários, os memes mesclam situações imagéticas e frases que juntas completam-se e acabam tendo um efeito humorístico ou irônico, tendo facilidade de se tornar viral.

De acordo com Fernando Fontanella (2009), o meme nas práticas comunicacionais da internet abrange “ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação de forma viral” (p. 8) e que, por sua vez, se manifestam por meio de vídeos, frases, foto-legendas, tirinhas, entre outros. Os memes, algumas vezes tem uma

qualidade técnica muito baixa, com aspectos grosseiros e descuidados, a fim de provocar um efeito cômico.

No grupo *Dias de Cinefilia* é comum o compartilhamento de memes e criações humorísticas, principalmente sobre filmes ou outros produtos audiovisuais que estão sendo abundantemente comentados nas redes ou que gerem muita expectativa nos cinéfilos do grupo, como foi o caso de *Nós*.

Durante o período de análise, foram observadas 16 postagens com memes e conteúdos humorísticos relacionados ao filme. A maioria dos posts fazia referência ao fato do filme trazer uma história que envolvia *doppelgänger* dos personagens principais.



Figura 14 - Memes compartilhados nos primeiros dias do lançamento do filme

A maior parte desses memes postados nos dias anteriores à estreia e que sucederam até o primeiro final de semana após o lançamento, tinha alguma relação com a expectativa para assistir ao filme, lembrando o dia da estreia, como uma espécie de aviso ou propaganda bem-humorada para lembrar outros membros. É como se a estreia do filme fosse um evento que deve ser lembrado e que todos deveriam comparecer.

Com o passar dos dias, já na primeira segunda-feira depois do dia 21 de março, esse “lembrete” da estreia foi sendo deixado de lado nas postagens e dando lugar a memes que envolvessem situações engraçadas com pessoas fisicamente parecidas, remetendo aos clones do filme.

Para leitura de alguns memes, no entanto, se faz necessário um saber prévio para se entender o conteúdo. Algumas imagens utilizadas para a construção dos memes não tem nenhuma relação aparente com o filme, mas quando unidas ao texto verbal, o conhecimento da relação entre o texto e a imagem pode ser compreendido.



Figura 15 - Print de um meme compartilhado no grupo

Citamos aqui o caso deste post com a foto da atriz Brie Larson e do ator Zachary Levi, unido com a legenda da imagem ‘*Us (2019)*’ que a princípio não tem nenhum sentido aparente. O leitor só entenderá o sentido do meme se tiver a informação que recentemente Zachary Levi e Brie Larson interpretaram os personagens dos quadrinhos, *Shazam* e *Capitã Marvel*, e que ambos os personagens já foram conhecidos nas HQs como *Captain Marvel* (em inglês).

Isso revela que o grupo, do mesmo modo que as outras comunidades interpretativas, partilha de uma “biblioteca” comum, geralmente associada ao universo da cultura pop, das celebridades e dos quadrinhos, já que, nos últimos anos tivemos uma grande quantidade de adaptações deste material para os cinemas.

Os membros compartilham referências, interesses e conhecimentos, capazes de atuar ativamente na circulação, produção e recepção de conteúdo. Quem não divide desses mesmos conhecimentos pode não ter total compreensão do que é compartilhado e não se sentir pertencente à comunidade.

4.5. Atuação

Outro ponto comum nas críticas dos cinéfilos do grupo foram as atuações do elenco principal. O maior destaque ficou para a atriz Lupita Nyong'o, ganhadora de um Oscar, na categoria de Melhor Atriz Coadjuvante, pelo filme *12 Anos de Escravidão* (Steve McQueen, 2014) em 2014.

Em *Nós*, Lupita interpreta Adeline, a matriarca da família principal, e Red, a vilã cópia de Adeline. A personagem tem uma voz característica meio arranhada, o que leva a performance já sinistra de Nyong'o a um nível ainda mais sombrio e sobrenatural. Os membros do grupo ficaram impressionados com o trabalho da atriz e buscaram mais informações sobre o processo de preparação e criação da personagem.



Figura 16 - Print de uma postagem sobre o trabalho de atuação da atriz Lupita Nyong'o

O membro fez um pequeno resumo e tradução das informações que ele encontrou em uma matéria do site norte-americano *IndieWire* explicando a origem para a inspiração da voz da personagem. Nos comentários, os membros consideraram a atuação da atriz digna de mais um Oscar, principal premiação da indústria cinematográfica americana.



Figura 17 - Print dos comentários dos membros exaltando o trabalho da Lupita Nyong'o

Embora o trabalho de Nyong'o possa ser considerado, pelos membros do *Dias de Cinefilia*, como digno de uma nomeação, a Academia tem um histórico de ignorar filmes do gênero de terror, como ocorreu com a performance de Toni Collette em *Hereditário* (Ari Aster, 2018). A atuação da atriz foi aclamada como digna de um Oscar, mas ignorada na premiação.

Esse fato foi lembrado em postagem posterior, em que outro cinéfilo compartilhou uma lista feita pelo *Rotten Tomatoes*, com algumas atuações em filmes de terror que foram ignoradas nas principais premiações de cinema. Nos comentários, os membros aproveitaram para lembrar outras atuações que não foram indicadas na lista.



Figura 18 - Print da postagem sobre outras atuações em filmes de terror

Apesar do possível esquecimento de Lupita Nyong'o no final do ano nas premiações, *Nós* estreou quebrando recordes nas bilheterias e um dos membros fez questão de lembrar do fato de que “nenhum outro filme protagonizado por uma atriz negra na história do cinema teve maior bilheteria de estreia”, como pode ser visto na figura a seguir.

★ Rising Star - 27 de março

#appreciationpost

"US pode tá sendo aclamado e fazendo dinheiro na mesma época de Corra!, mas é muito terrorzão pra Academia abraçar. E Lupita não vai ter narrativa".

Corta para os recordes estabelecidos pelo filme, dentre os quais um que passou despercebido inicialmente, mas que já está sendo comentadíssimo: nenhum outro filme protagonizado por uma atriz negra na HISTÓRIA do cinema teve maior bilheteria de estreia.

Lupita Nyong'o, nós não te merecemos!

... fonte: <https://shadowandact.com/history-us-had-the-biggest-opening...>



Figura 19 - Print da postagem sobre o recorde estabelecido pelo filme *Nós*

Após os protestos do *Oscar So White*, em 2016, que buscava uma maior representatividade negra no cinema, algumas mudanças foram percebidas. No ano seguinte, o Oscar premiou *Moonlight* (Barry Jenkins, 2017) como o melhor filme do ano e tivemos destaques para os trabalhos de atores como Denzel Washington, Ruth Negga e Mahershala Ali.

Mas, mesmo assim, Hollywood ainda está longe de representar a diversidade de forma realista. Ainda encontramos muita discriminação racial e de gênero no cinema norte-americano. A maioria dos grandes filmes são dirigidos ou protagonizados por atores brancos, cis e heterossexuais. São poucas as produtoras e diretores que apresentam uma maior diversidade para as suas produções.

Após o lançamento de *Nós*, o diretor Jordan Peele declarou em um evento nos EUA que não se via escalando atores brancos para protagonizar os seus filmes²⁴, o que gerou polêmicas, mas compreendo que isto revele uma disputa dentro do campo cinematográfico atravessado hoje, mais que nunca, por discussões raciais.

Nos últimos anos, grandes franquias do cinema trouxeram mais diversidade ao elenco, aumentando a participação de minorias, além de trazer uma maior representatividade. O público que vai aos cinemas está cada vez mais diverso e a demanda por filmes com atores negros, mulheres e LGBTs, só aumentou. Os novos filmes da série Star Wars, iniciada com *Star Wars: O Despertar da Força* (J. J. Abrams, 2015) tem no seu trio de protagonistas uma mulher (Daisy Ridley), um negro (John Boyega) e um latino (Oscar Isaac). Em 2018, o Marvel Studios lançou *Pantera Negra* (Ryan Coogler), primeiro filme de um super-herói nos cinemas, com um elenco majoritariamente composto por atores e atrizes afro-americanos. A produção foi um sucesso de crítica e bilheteria arrecadando mais um U\$1 bilhão mundialmente, estando entre as 10 maiores bilheterias de todos os tempos.

4.6. Bilheteria

Outro ponto importante para os membros do *Dias de Cinefilia* é a arrecadação nas bilheterias. Antes da estreia, o filme foi aclamado pela crítica e após o lançamento, os membros ficaram na expectativa pela aclamação do público. O resultado financeiro do filme pode ser considerado um medidor dessa aclamação. O filme superou as previsões de arrecadação e rendeu US\$ 70,25 milhões em seu primeiro fim de semana, mais que o dobro alcançado por *Corra!* no mesmo período do ano, dois anos atrás.

²⁴ Disponível em https://www.huffpostbrasil.com/entry/jordan-peeel-atores-brancos_br_5c9ba78ae4b072a7f6032791



Figura 20 - Print da postagem sobre a arrecadação do filme no primeiro final de semana

Essas postagens servem como um boletim de atualização das arrecadações para os membros. Durante o período de análise da pesquisa, observamos a ocorrência de duas postagens sobre as bilheteria, sendo ambas feitas no primeiro domingo após a estreia, quando o site estadunidense *Box Office Mojo* atualiza os números das bilheteria dos Estados Unidos e mundiais do final de semana.

Essa busca e compartilhamento de informações que envolvem as produções cinematográficas como os números de arrecadação, bastidores, processo criativo, trailers, pôsteres, notícias e entrevistas são o que movimentam esses espaços cinéfilos como o *Dias de Cinefilia*. É esse interesse pelo saber mais que caracteriza o cinéfilo e o diferencia do espectador comum. É preciso estar envolvido ao máximo com a produção.

Além disso, o debate que, normalmente, sucede o ato de assistir a obra fílmica é importante para a experiência cinéfila. Não basta assistir filmes e dizer se gosta ou não gosta. Os cinéfilos precisam conversar sobre filmes, debater os temas abordados, tentar analisar cena por cena e buscar entender os aspectos estéticos que compõe a obra, reforçando a ideia de cultura participativa de Jenkins. São ambientes democráticos que favorecem o compartilhamento de

opiniões e conteúdos sobre cinema, como o grupo *Dias de Cinefilia* que tornam a prática cinéfila motivadora e ativa nos espaços digitais.

5. NOTAS FINAIS

A presente monografia procurou fazer uma análise da recepção dos cibercinéfilos presentes no grupo do *Facebook Dias de Cinefilia*, do filme *Nós*, do diretor norte-americano Jordan Peele, a partir da leitura e análise das postagens e comentários feitos no grupo.

Utilizando a técnica de observação participante, frequentei o grupo e acompanhei as postagens referentes ao filme a partir do dia 19 de março de 2019 até o dia 31 de março de 2019. A escolha desse período foi feita com o objetivo de examinar as postagens antes e depois do lançamento do filme nos cinemas brasileiros, assim observar quais pontos se mostraram recorrentes durante esse período.

Reunimos em uma tabela todos as 38 postagens feitas no grupo, em prol de contabilizar e categorizar os tipos de conteúdo compartilhados com o passar dos dias da exibição *Nós*. Assim, conseguimos observar 6 categorias que foram identificadas como padrões recorrentes dentro do grupo: 1- a expectativa para o novo trabalho do diretor Jordan Peele; 2- os avisos de *spoilers* nas postagens; 3- a busca pelo sentido no filme, 4- os memes; 5- a atuação do elenco e 6- os números da arrecadação nas bilheterias.

No geral, o grupo se mostrou um espaço participativo e aberto para a participação de todos os membros, em que cada um pode contribuir através de postagens e divulgações, além da possibilidade de emissão de opiniões e debates acerca de um produto audiovisual, já que as discussões dentro do grupo não se resumem apenas a filmes.

Os participantes do grupo criam memes, compartilham notícias, fazem piadas e criam postagens de discussões sobre novela, realities e filmes. As pautas de discussões têm uma grande variedade de assuntos e normalmente estão relacionadas a cultura pop. O grupo tem funções parecidas com os antigos cineclubes, em que os membros se reuniam para assistir a um filme e depois debater e trocar conhecimentos sobre cinema. Mas, aqui, esse câmbio de ideia e percepções é feita através do ambiente virtual.

Isso possibilita uma diversidade de interações, já que qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo, com conhecimentos e experiências diversas pode entrar no grupo e trocar suas percepções acerca de um filme. Como vimos anteriormente, a obra cinematográfica muda de acordo com o espectador que, inserido em um determinado contexto e época, produz leituras e engaja-se num processo contínuo de comunicação. Vale reiterar que tal fenômeno é potencializado nesse cenário de interatividade proporcionado pela internet. Atualmente, com mais de nove mil membros, o grupo *Dias de Cinefilia* reúne pessoas de várias partes do Brasil, com idades variadas, diferentes classes sociais e distintos níveis de conhecimentos sobre cinema,

o que possibilita o cruzamento de diferentes leituras e apreciações sobre um filme no espaço de debate do grupo.

Para conseguir manter o ambiente organizado, dentro da comunidade, há um conjunto de regras que servem para preservar da melhor forma a interação entre os membros. Os administradores tentam, através da moderação das postagens, evitar *posts* repetidos e também zelar pelo respeito na comunicação entre os membros atuando como filtros informativos.

Durante algumas entrevistas para a divulgação do lançamento, o diretor Jordan Peele e a atriz Lupita Nyong'o declaram que o grande vilão do filme é o outro. Isso pode refletir as tensões vividas na sociedade contemporânea, em que predomina certa intolerância à opinião do outro, principalmente na internet, ambiente que, a um só tempo, promove mais abertura para o debate, e também um espaço para desacordos inflexíveis. Penso que é saudável essa convergência de percepções diferentes sobre um mesmo filme e isso só o torna melhor. Cada espectador carrega na sua própria bagagem, inscrita na cultura, um modo de olhar uma obra e se relacionar com ela. E é a partir dessa junção que se é capaz de construir e acessar novos níveis de interpretação do filme. Interpretações que não podem ser descritas como “corretas” ou “incorretas” como defende Umberto Eco, mas como leituras possíveis do filme.

Nós pode ser visto como um filme de terror, em que há elementos de suspense, comédia e ação, servindo para o divertimento do espectador, mas também deixa espaço para diversas interpretações e análise das alegorias, usadas pelo diretor, para fazer uma crítica à sociedade norte-americana.

Creio que esse foi o diferencial do filme para os críticos cinéfilos, o que resultou em avaliações essencialmente positivas para a obra. Antes do lançamento, havia uma expectativa pelo novo trabalho do diretor, que estreou na direção, dois anos antes, conquistando a crítica especializada e o público. Era esperado que Jordan Peele conseguisse entregar um novo filme de terror como “*Corra!*”, com um roteiro inteligente, que embaralhasse elementos do gênero de horror e crítica social, característica do trabalho de Peele.

Algumas expectativas foram contempladas ou superadas, outras resultaram em decepções, mas no geral, os críticos cinéfilos conseguiram expor suas percepções e interpretações sobre o filme com uma boa argumentação, trazendo alguns conhecimentos extrínsecos ao filme. Quanto maior for a filmografia assistida e o conhecimento desse cinéfilo, mais poder de argumentação ele terá em suas análises.

Esse compartilhamento de percepções ganhou força nos ambientes virtuais como o grupo, em que todos os membros têm a possibilidade de criar e compartilhar conteúdos com outras pessoas. O *Dias de Cinefilia* tem um engajamento alto dos seus integrantes, são mais de

sete mil membros ativos interagindo de alguma forma, nas cerca de 300 a 500 publicações diárias, com mais ou menos 10 mil comentários. Isso revela que mais da metade dos cinéfilos participantes do grupo colabora no ambiente criando e compartilhando conteúdos, suas experiências fílmicas e suas leituras sobre uma determinada obra diariamente.

Aqui, os cibercinéfilos tornam-se criadores de conteúdo, emitindo comentários de caráter amador, enxergando no debate crítico uma forma de prolongar a sua experiência com a obra. Não basta apenas assistir, é necessário compartilhar essa prática com outros cinéfilos, que também gostam de ler ou escrever sobre filmes e veem a internet como uma oportunidade de reivindicar um lugar que antes era apenas dos jornalistas e críticos de cinema profissionais, o lugar de autoridade sobre cinema dentro da comunidade. Isso pode ser percebido através de comentários de aprovação ou mesmo pelas reações positivas características do *Facebook*, o “Curtir” e o “Amei”, nas postagens.

Durante o período da pesquisa, encontramos alguns empecilhos. Um deles foi a dificuldade para conseguir algumas informações com os administradores do grupo. Consegui realizar apenas uma entrevista por e-mail, mas as respostas foram limitadas e tive que trabalhar apenas com o que tinha.

Além disso, o fato do antigo grupo que fazia parte do corpus desta pesquisa ter sido apagado, prejudicou a análise das postagens que antecederam ao lançamento do filme. Essa dificuldade nos fez focar mais nas recepções após a estreia.

Todavia, esta pesquisa pode ser complementada em estudos futuros, com mais tempo para investigação sobre os perfis dos membros e a ampliação da nossa análise de recepção da crítica cinéfila de outros gêneros fílmicos, resultando num estudo comparativo entre a leituras que os membros fazem de diferentes estilos de filme.

6. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ALMEIDA, Rodrigo. **Rasgos culturais: o consumo cinéfilo e o prazer da raridade**. Recife: Velhos Hábitos Ed., 2011.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.
- BAMBA, Mahomed. **A Ciber-cinefilia e outras Práticas Espectatoriais mediadas pela internet**. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação ,XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0629-1.pdf> > Acesso em: 26 mar. 2019
- BORDWELL, David. **Making meaning: inference and rhetoric in the interpretation of cinema**. USA: Harvard University Press, 1991
- CARREIRO, Rodrigo. **História de uma crise: a crítica de cinema na esfera pública virtual**. Recife, 2009.
- CARVALHO, Rafael. **O lugar da crítica de cinema como gênero do jornalismo cultural e sua crise**. *Baleia na Rede*, Marília, vol. 1, n. 10, 2013. Disponível em: < <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/3361> > Acesso em: 19 fev. 2019.
- _____. **A Crítica de Cinema Online No Brasil: recepção, argumentação e disputas valorativas na web**. 2016
- CASTILHO, Carlos. **O Processo Colaborativo Na Produção De Informações: gênese, sistemas e possíveis aplicações no jornalismo comunitário**. Dissertação (Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção) – UFSC. Florianópolis. 2009. Disponível em: < <http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2010/06/Carlos-Albano-V.-Castilho.pdf> > Acesso em 10 de mai. 2019
- COUTINHO, Afrânio. **Da Crítica e da Nova Crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- CURI, Pedro Peixoto. **FAN FILMS: da produção caseira a um cinema especializado**. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ. 2010.
- FISH, Stanley. **Is there a text in the class? The authority of interpretative communities**. 12 imp. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- FONTANELLA, Fernando. **O que é um meme na Internet? Proposta para uma problemática da memesfera**. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2009b.

GOMES, Regina. **Crítica de cinema**: história e influência sobre o leitor. *Crítica Cultural*, vol. 1, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: < http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/93/103 > Acesso em: 19 fev. 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e a vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2ª ed., 2004.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003

MÓNICO, Lisete S. et al. A Observação Participante enquanto metodologia de Investigação qualitativa. Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/download/1447/1404/>. Acesso em: 29 maio 2019.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itau Cultural: Unesp, 2003.

NOGUEIRA, Cyntia. Cinefilia e crítica cinematográfica na internet: uma nova forma de cineclubismo?. In: JUNIOR, Rubens Machado; SOARES, Rosana de Lima; ARAÚJO, Luciana Corrêa de (Org.). **Estudos de Cinema e Audiovisual Socine** . 1. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2006. p. 157-164.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line**: modos de fazer. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Sulina, 2009.

SONTAG, Susan. **The Decay of Cinema**. The New York Times, 26 de fev. de 1996. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/books/00/03/12/specials/sontag-cinema.html> . > Acesso em: 26 mar. 2019

STACEY, Jackie. **Textual obsessions**: methodology, history and researching female spectatorship. in Screen, v. 34, n. 3, 1993.

TAYLOR, Greg. Thumbs in the crowd: Artists and audiences in the postvanguard world In: FREY, Mattias; SAYAD, Cecilia (Orgs.). **Film criticism in the digital age**. London: Rutgers University Press, 2015.

7. APÊNDICE

Apêndice A - Entrevistas realizada através de troca de e-mails, em 08 de abril de 2019, com Leandro Correia, um dos fundadores do grupo Dias de Cinefilia.

1 - Nome, idade, profissão, cidade

Leandro, 26 anos, jornalista, São Paulo.

2 - Quando e como surgiu o grupo?

Janeiro de 2016. A gente estava com a ideia de expandir a página pra site, perfil no instagram e também grupo pra atingir mais pessoas.

3 - Tem algum requisito para entrar no grupo?

Não ser bolsominion.

4 - Qual o objetivo do grupo?

Falar bobagem e eventualmente falar de cinema também.

5 - O que o Dias de Cinefilia tem de diferente com relação aos outros grupos do Facebook sobre cinema?

Não sei, não participo de nenhum outro.

6 - Vocês fazem algum tipo de moderação do que é postado?

Flood e discurso de ódio tentamos controlar.

7 - Qual a média de postagem diária no grupo?

Putz, bem alta. Creio que de 300 a 500 publicações por dia.

8 - Apesar do nome Dias de Cinefilia, muitas postagem vão além do cinema e falam sobre novela, realities, séries. Como você enxerga isso?

Acho que não tem porque se limitar a falar só sobre cinema. No fim das contas é um grupo sobre audiovisual num geral.

9 - Quais são os principais conteúdos que são postados no grupo e que geram mais comentários?

Marvel x DC, super heróis em geral e atrizes.

10 - Estamos vivendo a era dos filmes de heróis no cinema. O que vocês acham desse tipo de filme?

Eu, particularmente, não gosto. Nada contra, mas acho os filmes muito repetitivos e aborrecidos. Os últimos que vi foram Deadpool e Pantera Negra. Deadpool nem consegui chegar até o final na verdade e Pantera Negra foi um sacrifício ver tudo. O estilo de narrativa não me apetece. Mas é o gênero do momento e deve ficar em foco por muito mais tempo ainda.

11 - Você se considera cinéfilo?

Já fui de ver muitos filmes, mas desde que comecei a trabalhar com cinema passei a ver menos. Curioso né? Virou trampo.

Como surgiu o seu gosto por cinema?

Sempre assisti filmes. Mas me interessar mais além do puro entretenimento foi na época da faculdade vendo filmes da bibliografia do curso de jornalismo. O primeiro que me fez sentir gostar mais de cinema foi "12 homens e uma sentença".

Apêndice B - Entrevistas realizada através de troca de e-mails, em 08 de abril de 2019, com Gabriel Barbosa, um dos fundadores do grupo Dias de Cinefilia.

1 - Nome, idade, profissão, cidade

Gabriel Alessandro Barbosa Santos (o Billy é apelido), 23 anos, trabalho como legender pra alguns canais de TV (TNT, HBO, Fox) como freelancer. moro em Cuiabá - MT.

2 - Quando e como surgiu o grupo?

Surgiu em janeiro de 2016, na mesma época em que eu ia abrir um site do DDC. O site fechou e o grupo ficou, hoje repercute muito mais que a página de origem.

3 - Tem algum requisito para entrar no grupo?

Não ser minion, homofóbico, racista e misógino. Ou seja, ser gente.

4 - Qual o objetivo do grupo?

No começo era reunir os seguidores da página, mas hoje em dia vai muito além da página e do que eu faço. O importante é ser um grupo de entretenimento em que a conversa é aberta e leve.

5 - O que o Dias de Cinefilia tem de diferente com relação aos outros grupos do Facebook sobre cinema?

Eu acredito que seja um espaço mais leve que os outros, não é um grupo voltado a discussões e análises profundas, é mais uma coisa rotineira, notícias, piadas. É um grupo de maioria de mulheres e gays e acredito que a maioria se sinta acolhido lá de uma forma que não se sentia em grupos mais sisudos.

6 - Vocês fazem algum tipo de moderação do que é postado?

Existem algumas regras de bom senso (não postar spoiler, não ofender, não floodar) e também uma regrinha específica de manter a conversa leve e civilizada. Existem muitas discussões problemáticas que não cabem direito num grupo de entretenimento (a maior delas é a de separar a arte do artista, essa conversa nunca dá certo porque são sempre posições muito radicais).

7 - Qual a média de postagem diária no grupo?

Segundo as estatísticas do Facebook, o número varia de 300 a 500 publicações novas por dia, com em média 10 mil comentários por dia. O grupo anterior (que foi deletado) tinha o triplo de membros, mas não sei se mudou muito em questão de membros ativos.

8 - Apesar do nome Dias de Cinefilia, muitas postagem vão além do cinema e falam sobre novela, realities, séries. Como você enxerga isso?

Eu acho essencial nessa era com tantas plataformas, porque o jeito de se relacionar com o audiovisual mudou, TV tem cara de cinema, cinema vai direto pro stream. Acredito que tudo o que é considerado entretenimento vale a pena ser discutido.

9 - Quais são os principais conteúdos que são postados no grupo e que geram mais comentários?

Muita coisa sobre TV, especialmente notícias e coisas do momento. Os tópicos mais populares são os de comentários das novelas e realities, especialmente Masterchef e BBB. É uma característica bacana que eu não tinha visto muito em outros grupos, esse hábito de sentar pra ver TV e comentar ao vivo num grupo. Eu mesmo só assistia "O Outro Lado do Paraíso" pra comentar lá, é divertido.

10 - Estamos vivendo a era dos filmes de heróis no cinema. O que vocês acham desse tipo de filme?

Eu acho bacana porque, embora não seja tanto a minha praia, é legal ver a conversa rolando. Conheço pouca gente que se conhece cinéfila, mas todo mundo conhece um pouco de Marvel e DC e já viu e se conheceu. Anos atrás eu jamais imaginaria ver pessoas conhecendo e valorizando o Rotten Tomatoes.

11 - Você se considera cinéfilo?

Já fui mais, hoje sou bem mais da TV, mas tenho uma bagagem pra me considerar sim. Uma vez comentei que devia ter mudado o nome do grupo pra "Dias de Apreciação Esporádica de Filmes".

12 - Como surgiu o seu gosto por cinema?

Foi lendo muito sobre cinema, eu colecionava revista de locadora na infância e até hoje tenho esse hábito de conhecer tudo, embora não assista nada. Eu não romantizo a ponto de dizer que "o cinema mudou a minha vida", mas me deixou menos sozinho e foi um espelho muito bom às vezes.